



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ROSIMÁRIA FELIX CAVALCANTE

**MEMÓRIA, PATRIMÔNIO, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRIA LOCAL:
UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR NAS ESCOLAS DE PEDRA LAVRADA-PB**

**CAMPINA GRANDE
2023**

ROSIMÁRIA FELIX CAVALCANTE

**MEMÓRIA, PATRIMÔNIO, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRIA LOCAL:
UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR NAS ESCOLAS DE PEDRA LAVRADA-PB**

Trabalho de Conclusão de do Curso de Licenciatura Plena em Ensino de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de professor(a) de História.

Área de concentração: Educação, história local, educação patrimonial.

Orientador(a): Prof. Dra. Patrícia Cristina de Aragão

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C377m Cavalcante, Rosimária Felix.
Memória, patrimônio, educação patrimonial e História local [manuscrito] : uma proposta interdisciplinar nas escolas de Pedra Lavrada-PB / Rosimaria Felix Cavalcante. - 2023.
50 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.
"Orientação : Profa. Ma. Patrícia Cristina de Aragão, Coordenação do Curso de História - CEDUC. "

1. Ensino de História. 2. Patrimônio. 3. Pedra Lavrada. 4. História local. 5. Ensino. I. Título

21. ed. CDD 372.89

ROSIMÁRIA FELIX CAVALCANTE

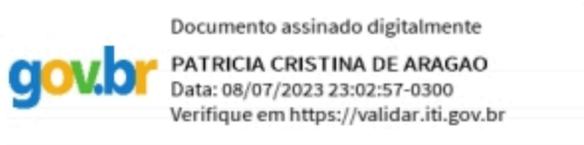
**MEMÓRIA, PATRIMÔNIO, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRIA LOCAL:
UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR NAS ESCOLAS DE PEDRA LAVRADA-PB**

Monografia para Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Ensino de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de professor(a) de História.

Área de concentração: Educação, história local, educação patrimonial.

Aprovada em: 15 /06/ 2023.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (DH/UEPB)

Profa. Mestranda Raphaela Hildita de Sá Guedes Deodato (Examinadora externa) Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC)

Prof. Dr. Gildivan Francisco das Neves (Examinador Interno)
Universidade Estadual da Paraíba (DH/UEPB)

À minha família, que sempre esteve ao meu lado,
apoando e incentivando, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento de agradecer a oportunidade que Deus me deu, pela superação, amadurecimento e amizades que fiz durante minha trajetória. Foram longos 4 anos, entre Pedra lavrada, São Vicente do Seridó e Campina Grande-PB.

Primeiramente, não posso deixar de agradecer a Deus, pois sem ele eu não estaria e não conseguiria ter chegado até aqui. Agradeço todos os dias por tamanha benção, por nunca ter soltado a minha mão desde o início de tudo, por ter feito um dos meus objetivos se tornarem realidade me concedendo sabedoria, força, foco, determinação e o principal de tudo: a Fé.

Ao meu Pai e à Mãe, vocês são tudo para mim. Obrigada por terem acreditado em mim, nunca julgarem a minha escolha, me encorajarem e compreenderem. Agradeço por todo o suporte, por fazer desse sonho uma realidade. Quero ser o orgulho de vocês sempre, sendo sua primeira filha a se formar, a ter um curso superior, sendo filha de agricultores.

Pai, o senhor é o meu exemplo de vida, meu herói, sempre fazendo o possível e o impossível por mim. Nunca irei esquecer do que o senhor fez e faz pela minha pessoa. Como você sempre diz: “ Você tem a oportunidade que eu não tive, não desista. Siga em frente, pois hoje em dia quem tem educação tem tudo! ”

Mãe, eu te admiro tanto. Obrigada por sempre cuidar de mim e da nossa família, sempre fazendo o possível para nos incentivar.

Rosimere e Rosiclécia, minhas irmãs, obrigada por sempre torcerem por mim, por serem companheiras, sempre compartilhando momentos bons, eu amo vocês.

Agradeço à minha orientadora Patrícia Cristina por ter aceitado me orientar sem me conhecer, sempre pronta para sanar minhas dúvidas e ter sido fundamental no fim do meu curso.

A minha tia Neuma, meu tio Availdo, Adryel e Samuel, minha segunda família, com que estive durante sete anos, sendo tão bem acolhida ao longo desse tempo, obrigada por cada conversa, cada risada e pelo incentivo. Sei que torcem por mim.

Aos meus amigos que sempre me incentivaram e não se afastaram de mim, em especial minha prima/ irmã de coração, Vanessa Queiroz por sempre ter me apoiado desde o início, sempre perguntando como eu estava e incentivando para seguir em frente, saiba que vibro sempre por suas conquistas e obrigada por não soltar a minha mão, entender sempre o meu lado. Ao meu amigo André Nascimento pelas palavras de incentivo quando eu estava desanimada, sempre falando que serei uma grande profissional por minha dedicação e força de vontade, e não ter desistido da minha amizade.

Não posso deixar de mencionar aqueles que estiveram sempre comigo durante o nosso Curso, a minha turma, que fez parte desse processo, em especial, a meu amigo Lucas Alves, por ser um grande amigo durante os quatro anos de curso. Nossas conversas dentro e fora da universidade, cada apoio e palavras de incentivo, principalmente nas sextas-feiras dentro da UEPB (que não são fáceis), és uma pessoa incrível, não tenha dúvida, sempre irei torcer pela sua vida. À minha amiga Renally que, desde o início do curso, com suas conversas que geram e geraram muitas risadas entre nós, saiba que você é um ser humano incrível.

Por último, mas nem por isso menos importante, meu amigo Thayms Mulle, uma pessoa de luz, um ser humano incrível, que tive o prazer de conhecer e ser sua amiga. Sei que serás um grande profissional, não tenho palavras suficientes para descrever os nossos momentos, nossas conversas, só tenho que agradecer por ter conhecido cada um de vocês, cada um com seu jeitinho, tornando cada dia mais leve, por seguirmos até o fim do curso sempre apoiando um ao outro. Foram bons momentos compartilhados, espero que nossa amizade continue para além da universidade, sei que serão excelentes professores e colegas de profissão.

Aos colegas de todos os dias de ida e volta para a faculdade, agradeço a cada um de vocês, principalmente a Erasmo, Kaylany, Letícia, Lucas, Mauricio, Maiely e Nikelly por cada conversa (aleatória), enquanto esperávamos a vinda para casa. Vocês tornaram os dias mais leves.

Por fim, quero agradecer a mim, por ter realizado um sonho que ganhou forma e está se concretizando. Desde pequena sempre tive admiração por essa profissão. Não foi fácil ter que escolher entre os convites de amigos para sair e estudar, mas vejo que hoje valeu a pena, me sinto orgulhosa da pessoa que estou me tornando, a profissional que irei ser, por ter confiado nas promessas de Deus, pois a quem ele promete não falha.

“Logo conhecer a própria história do lugar contribui para a construção de sua identidade, para a compreensão do meio em que se vive, despertando ou reforçando o sentimento de pertencer aquele lugar.” (Flávio Carreiro de Santana/Luíra Freire Monteiro).

RESUMO

Trabalhar com a história local é possibilitar com que a população se sinta parte da história, como agentes históricos construtores da mesma e assim implementar esta proposta dentro da sala de aula, não somente nas aulas de história, mais nas diversas áreas do ensino Infantil ao ensino médio para que os alunos a partir deste conhecimento se sintam integrantes e conheçam a importância de sua cidade. Como proposta visamos trazer tal discussão levando em relevância o fato de pouco ser ensinado e pouco conhecimento entorno da verdadeira história de Pedra Lavrada-PB e de sua Pedra de Retumba por parte dos alunos e em especial aos estudantes do Ensino Médio e partindo desta proposta trouxemos como objetivo geral deste estudo é problematizar a importância histórica, cultural e educacional da Pedra de Retumba da cidade de Pedra Lavrada-PB como patrimônio histórico e arqueológico que faz parte da memória local dentro da educação nas escolas do município, e dentro dos objetivos específicos mostrar a partir da educação patrimonial no ensino de história sobre a importância educativa e formativa da história da Pedra de Retumba trazendo uma proposta educativa a partir de um caderno temático baseado na memória da Pedra de Retumba e de que modo a educação patrimonial articulada ao ensino de história na perspectiva da memória e do patrimônio permite educar sobre a cidade. Para melhor compreensão do assunto trabalhamos a partir dos estudos de Pollak(1989), Jacques Le Goff,(1990), Pierre Nora(1990), Maurice Halbwachs(1950) e Kraish (2007). Estes estudiosos em torno da memória e patrimônio e no campo da educação patrimonial trouxemos Pelegrini (2006), Melo (2014). Para realizar a pesquisa em torno do tema proposto foi feita uma pesquisa qualitativa realizada por meio do estudo de caso sobre a história local da cidade a partir da análise documental e a pesquisa bibliográfica com autores que destinaram o seu trabalho sobre a história local da cidade de Pedra lavrada e a Pedra de Retumba. Partindo desta construímos uma sequência didática para implementação no ensino de história sobre a Pedra de Retumba para entender pelo viés educacional, a história de uma cidade, como a mesma pode ser inserida dentro do ambiente escolar promovendo a interdisciplinaridade e o aperfeiçoamento de novas metodologias dentro das aulas de história buscando provocar o aluno para o conhecimento da sua história, do seu município tornando o aluno mais ativo dentro das aulas a procura de se entender e se inserir dentro da sociedade como agente histórico.

Palavras-Chave: Ensino de História; Memória, Patrimônio; História Local; Pedra Lavrada.

ABSTRACT

Working with local history is to enable the population to feel part of history, as historical agents that build it and thus implement this proposal within the classroom, not only in history classes, but in the various areas from kindergarten to high school so that students from this knowledge feel members and know the importance of their city. As a proposal we aim to bring such a discussion taking into relevance the fact that little is taught and little knowledge around the true history of Pedra Lavrada-PB and its Retumba Stone by students and especially high school students and starting from this proposal we brought as general objective of this study is to problematize the historical, cultural and educational importance of the Retumba Stone of the city of Pedra Lavrada-PB as historical and archaeological heritage that is part of the local memory within the education in the schools of the municipality. Show from the heritage education in the teaching of history about the educational and formative importance of the history of the Pedra de Retumba bringing an educational proposal from a thematic notebook based on the memory of the Pedra de Retumba and how the patrimonial education articulated to the teaching of history in the perspective of memory and heritage allows to educate about the city. For a better understanding of the subject we work from the studies of Pollak (1989), Jacques Le Goff (1990), Pierre Nora (1990), Maurice Halbwachs (1950) and Kraish (2007). These scholars around memory and heritage and in the field of heritage education brought Pelegrini (2006), Melo (2014). To carry out the research around the proposed theme, a qualitative research was carried out through the case study on the local history of the city, from the documentary analysis and the bibliographical research with authors who destined their work on the local history of the city of Pedra lavrada and Pedra de Retumba. From the study and research carried out, we understand that the valorization of the school heritage is fundamental, to understand by the educational bias, the history of a city, how it can be inserted within the school environment promoting interdisciplinarity and the improvement of new methodologies within the history classes seeking to provoke the student to the knowledge of his history, of his municipality making the student more active within the classes the search to understand and insert himself within the society as a historical agent.

Keywords: History Teaching; Memory; Heritage; Local History; Pedra Lavrada.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Mapa da cidade de pedra lavrada... ..	36
Figura 02 - Igreja matriz de Nossa Senhora da Luz... ..	38
Figura 03 - Índia capturada na Serra das Flechas... ..	41
Figura 04 - Praça Municipal de Pedra Lavrada-PB... ..	42
Figura 05 - Foto da Cidade... ..	42
Figura 06 - Pedra de retumba em sua totalidade... ..	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IPHAN- Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LDB - Lei de Diretrizes Base da Educação

PB - Paraíba

SPHAN- Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A MEMÓRIA E O PATRIMÔNIO NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA LOCAL NA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	16
2.1 Considerações sobre memória e patrimônio	16
2.2 Ensino de história local: uma abordagem a partir da educação patrimonial	22
3 A PEDRA DE RETUMBA DE PEDRA LAVRADA E PROPOSTAS EDUCATIVAS PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	34
3.1 Breve histórico de Pedra Lavrada-PB	34
3.2 A Pedra de retumba: patrimônio histórico para a memória local	40
4 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA EDUCAR NO ENSINO MÉDIO POR MEIO DA APLICAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICES	51

1 INTRODUÇÃO

O estudo voltado para o ensino da memória e patrimônio cultural envolvendo a história local é de grande importância de se trabalhar na sala de aula de história no ensino médio, pois é através da incorporação e aperfeiçoamento dessa concepção historiográfica nas práticas pedagógicas dos professores de história, que as aulas passarão a ser mais dinâmicas tanto para o docente como para o aluno, permitindo dessa forma um novo olhar acerca do saber histórico, rompendo assim com concepções positivistas acerca do fazer histórico, tornando a história plural e dinâmica, por certo associada ao que se propõe a denominada Nova História. O estudo da história local permite aos alunos compreenderem o seu meio social, a exemplo do que mostraremos, ao trazermos à memória e o patrimônio cultural que fazem parte da construção da cidade paraibana de Pedra lavrada-PB.

O patrimônio histórico da cidade de Pedra Lavrada-PB é rico em história, principalmente no que diz respeito à Pedra de Retumba, espaço histórico e cultural da memória local que traz diversas impressões rupestres, mostrando os antepassados de povos que ali fizeram sua morada nos tempos mais remotos. Estudar este monumento como os demais que estão presentes dentro da história e memória do povo lavradense é fazer com que tenham consciência da tamanha potencialidade que o município abriga e que é parte de uma história não somente local mas brasileira.

A valorização de sua memória individual ou coletiva possibilita os estudantes tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio, que estão se preparando para a vida fora do ambiente escolar participar de concursos e provas que precisam do conhecimento histórico municipal, estadual e história geral.

Nossa proposta gira em torno da discussão do ensino da História local, memória e patrimônio da cidade de Pedra Lavrada-PB, tomando como possibilidade, pensar tais proposições para a história ensinada no ensino médio. A proposta deste trabalho é justamente mostrar que não devemos esquecer as memórias e patrimônio que existe na cidade, como a Pedra de Retumba, importante de ser reconhecida a partir da escola, como um patrimônio da memória e história local . O que nos motivou a falar sobre o município em que nasci e vivi durante boa parte de minha infância e adolescência foi, justamente, por perceber a carência durante meu período como aluna da rede municipal e estadual de ensino a respeito da história de nosso município, principalmente sobre a “pedra lavrada”.

A história do povo lavradense, suas memórias, assim como a preservação da cidade e da Pedra de Retumba torna-se fundamental, no que diz respeito ao desenvolvimento cultural de

um povo e sociedade, uma vez que reflete em sua formação sociocultural do indivíduo propiciando ao alunado o conhecimento sobre a formação da cidade, a preservação do patrimônio natural presente no complexo arqueológico que abriga demais monumentos históricos patrimoniais, fazer com que os alunos desde o ensino infantil ao ensino médio conscientize-se em preservar e conhecer a tão famosa “pedra lavrada” que dá origem ao município sendo esta a Pedra de Retumba contribuindo para a formação da historiografia brasileira e paraibana que passa por diversos projetos arqueológicos a fim de identificar a presença de povos antigos na paraíba que faz parte da História podendo vir a ser ensinada dentro da história e se tornar presente dentro do ensino da Paraíba e podendo posteriormente entrar dentro da discussão da memória e patrimônio de um povo, da Paraíba, da Cidade de Pedra lavrada-PB.

O objetivo geral deste estudo é problematizar a importância histórica, cultural e educacional da Pedra de Retumba da cidade de Pedra Lavrada-PB como patrimônio histórico e arqueológico, que faz parte da memória local dentro da educação nas escolas do município. Como objetivos específicos temos: discutir na perspectiva da memória e do patrimônio a Pedra de Retumba da cidade de Pedra Lavrada-PB para a história local; Mostrar, a partir da educação patrimonial no ensino de história. sobre a importância educativa e formativa da história da Pedra de Retumba e apresentar uma proposta educativa para o campo do ensino de história na história local a partir de um caderno temático baseado na memória da Pedra de Retumba e de que modo a educação patrimonial articulada ao ensino de história na perspectiva da memória e do patrimônio permite educar sobre a cidade.

Como fio condutor de nossa discussão levantamos o seguinte questionamento de pesquisa: de que modo a discussão sobre a Pedra de Retumba em Pedra Lavrada –PB, na perspectiva da memória e do patrimônio, contribui para o ensino de história local na abordagem da educação patrimonial?

Para melhor compreensão do assunto, trabalhamos a partir dos estudos de Pollak(1989), Jacques Le Goff,(1990), Pierre Nora(1990), Maurice Halbwachs(1950) e Kraish (2007).Sobre memória e patrimônio e no campo da educação patrimonial trouxemos.

Pelegri (2006), Melo (2014). Ambos estudiosos da história contemporânea e da nova história cultural que, a partir da teoria, vai possibilitar a aperfeiçoamento da didática do professor e a partir dessa construção da História Cultural possibilitou novos domínios de investigação dentro do campo histórico e utilização de demais fontes no ensino de história, possibilitando o uso de diversos materiais dentro e fora da sala de aula.

Para realizar a pesquisa em torno do tema proposto foi feita uma pesquisa qualitativa

realizada por meio do estudo de caso sobre a história local da cidade, a partir da análise documental e a pesquisa bibliográfica com autores que destinaram o seu trabalho sobre a história local da cidade de Pedra lavrada e a Pedra de Retumba. No campo documental foram realizadas pesquisas no acervo da biblioteca da UEPB campus I sobre tcc's que abordassem o tema escolhido. Nesse aspecto tivemos certa dificuldade, pois pouco se tem sobre o assunto.

As demais pesquisas cujas fontes foram: livros da História da Cidade como o livro de Resgate da Pedra de Retumba organizado por Juvandi de Souza Santos, artigos publicados por alguns pesquisadores, facebook, blogs e sites da prefeitura municipal. Em primeiro momento foi estudado o caso da pesquisa. A partir do estudo e pesquisa realizados, compreendemos que a valorização do patrimônio escolar é fundamental, para entender pelo viés educacional, a história de uma cidade, como a mesma pode ser inserida dentro do ambiente escolar promovendo a interdisciplinaridade e o aperfeiçoamento de novas metodologias dentro das aulas de história buscando provocar o aluno para o conhecimento da sua história, do seu município tornando o aluno mais ativo dentro das aulas a procura de se entender e se inserir dentro da sociedade como agente histórico.

Propomos uma abordagem metodológica da sequência didática, que poderá ser aplicada em turmas do ensino médio. Registramos que para este estudo e pesquisa, a sequência se apresenta como uma proposta metodológica que docentes de história podem trabalhar em sala de aula para enfatizar a temática da história local, viabilizada pela discussão da memória e patrimônio a partir da Pedra da Retumba.

Elaboramos uma proposta de sequência didática, como sugestão, para as aulas de história no sentido de envolver a participação dos estudantes na discussão. Como se trata de um trabalho de pesquisa que envolve um estudo de caso e não fizemos uma ação na escola, a sugestão da sequência didática, em nosso trabalho, envolve o debate da importância de se pensar uma metodologia que venha trabalhar temas relativos à memória e patrimônio. A proposta é para a cidade de Pedra Lavrada-PB e todo o contexto histórico que envolve a sua construção e que assim possam ser ensinados dentro das escolas do município com enfoque no ensino médio buscando trazer a compreensão e participação dos alunos.

Este estudo está organizado em dois capítulos. Intitulado de “A memória e o patrimônio cultural na perspectiva da educação patrimonial”, o primeiro capítulo aborda os subtópicos que irão definir e caracterizar o sentido de memória e o patrimônio e abordagem da educação patrimonial. Ainda neste capítulo discutiremos sobre o ensino da história da perspectiva da história local, apresentando a pedra de Retumba como memória e patrimônio arqueológico da cidade.

No segundo capítulo, intitulado “A pedra de Retumba de Pedra Lavrada e propostas educativas para o ensino da Educação Patrimonial”, enfatizamos um breve histórico da cidade de Pedra Lavrada e nos debruçamos em torno da Pedra de retumba pertencente em seu município, bem como os demais monumentos que constroem a história da cidade. Sendo assim, contaremos a história da cidade, da Pedra de Retumba e como isso pode ser trabalhado em sala de aula como proposta interdisciplinar, trazendo uma proposta de sequência didática para escola estadual de ensino, no intuito de trabalhar o verdadeiro significado do monumento como a construção da cidade de Pedra lavrada e os demais acontecimentos dentro do período de formação da cidade.

2 A MEMÓRIA E O PATRIMÔNIO NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA LOCAL NA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Neste capítulo discutiremos sobre a relação entre memória e patrimônio para pensar o ensino de história local, a partir da abordagem da educação patrimonial na sala de aula de história. A construção da memória coletiva e individual como os lugares de memória são necessários para que se possa construir a ideia de patrimônio. O conceito de patrimônio se dá por meio da utilização da memória e sua ressignificação, que será fundamental para que se possa preservar a memória que esses patrimônios carregam em sua estrutura.

Além da formação da memória e seus lugares, o patrimônio cultural, histórico e a educação patrimonial serão os impulsionadores que não permitirão que essa construção seja totalmente esquecida dentro da sociedade. Será por meio delas que a população será trazida para fazer parte desta salvaguarda dos bens históricos e, dentro disso, buscar, através das leis propiciadas pela Lei de Diretrizes Base da Educação (LDB) dentro da educação sobre a história local será o ponto de partida para que os alunos e o corpo escolar priorizem a educação patrimonial como um todo e a história local de sua cidade ou região trazendo o aluno como agente construtor de sua identidade.

2.1 Considerações sobre memória e patrimônio

Neste tópico discutimos sobre a memória e patrimônio cultural, articulando esta discussão à capítulo educação patrimonial, enfatizando a importância destas questões para a construção da identidade. Ressaltamos que o patrimônio e a memória fazem parte da história de uma sociedade. Geralmente, quando se pensa a palavra patrimônio, de imediato, lembra-se muito de palavras como bens, riquezas, mas é importante destacar que a perspectiva e visão sobre ele modificou-se.

Quando falamos ou pensamos no patrimônio cultural, imediatamente associamos esse termo aos conceitos de memória e identidade de um povo, uma vez que entendemos o patrimônio cultural como local privilegiado, em que as memórias e as identidades adquirem materialidade. Segundo Pelegrini (2006), a ideia de patrimônio cultural está vinculada às de lembranças e memórias, que são fundamentais nas ações patrimonialistas, uma vez que os bens culturais são preservados em função da relação que mantêm com as identidades culturais.

A memória, por conservar certas informações, contribui para que o passado não venha a ser totalmente esquecido, pois ela acaba por capacitar o homem a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência do ser humano.

Deste modo, a memória tem como prioridade conservar as informações vivenciadas por cada indivíduo, fazendo com que o processo de memória do ser humano guarde suas lembranças de momentos vivenciados por estes, seja ela individual ou coletiva. A construção da memória constitui uma importante função social, na medida em que se reproduz informações mesmo sem a ausência de dados escritos, baseando-se no estudo de objetos que marcaram o seu acontecimento (LE GOFF, 2003).

Apesar de algumas vezes entendermos a memória como um fenômeno somente particular, segundo Halbwachs (1990), a memória deve ser compreendida, também, como um fenômeno coletivo e social, possibilitando, assim, a construção de uma memória coletiva. Mesmo existindo a memória particular, quando precisamos evocar algum acontecimento, é na memória coletiva que buscamos a veracidade dos acontecimentos. Os elementos que constituem a memória, tanto individual, quanto a memória coletiva, são aqueles episódios ocorridos pessoalmente, bem como aqueles vividos pelo grupo no qual a pessoa se relaciona (POLLAK, 1992).

A memória, além de ser classificada como individual ou coletiva, pode ser identificada como seletiva, pois nem todos os acontecimentos ficam registrados. Ela acaba por assim sofrer algumas alterações que ocorrem como consequência do momento em que ela está sendo articulada. Dessa forma, podemos dizer que a memória é construída, de forma consciente ou não. Ao trazermos a ideia de memória e, principalmente, memória individual e coletiva, com relação à memória individual, a mesma é representada por tudo aquilo que se é gravado, excluído, lembrado, e, nada mais é do que o resultado de um trabalho de organização.

Quando estudamos sobre a memória herdada, a memória pode ser considerada como um elemento que pertence a um sentimento de identidade, tanto individual quanto de um determinado grupo, ou seja, coletiva “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 2004). A partir disso, a memória faz parte da construção de uma sociedade.

A construção da memória, segundo Pollak (1992), se baseia em três elementos, são eles: acontecimentos, que se dividem em pessoal e coletivo; personagens e lugares. Os acontecimentos são os fatos que estão armazenados na memória, podendo ser pessoal ou grupal, pois mesmo que a pessoa não tenha participado diretamente daquele fato, interfere na sua memória. A memória acaba por ser o resultado de um trabalho de organização e de seleção daquilo que é mais importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, ou seja, de identidade. Estudar a constituição da memória é importante, pois está intimamente

ligada à construção da identidade. A memória vem sendo considerada como algo importante no que se refere à construção de identidades, pois, a partir de sua construção podemos reconhecer os acontecimentos passados e conservar as informações que nos são importantes preservar, tanto na memória individual, quanto na coletiva (KRAISCH, 2007).

Para Jacques Le Goff (2007), a memória acaba por estabelecer um "vínculo" entre as gerações humanas e o "tempo histórico que as acompanha". Esse vínculo irá se tornar afetivo e vai possibilitar que essa população passe a se enxergar como parte da história, que possuem direitos e deveres para com a sua localidade. O autor destaca que a "identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com a memória individual e coletiva"; a partir do momento em que a sociedade se dispõe a "preservar e divulgar os seus bens culturais" iniciando-se o processo denominado pelo autor como a "construção do *ethos* cultural e de sua cidadania" (PELEGRINI, 2006: p. 116-117).

Para Pollak (1992), entretanto, "a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros". Enfatizamos o patrimônio como algo que faz parte de um passado, vivenciamos no presente e cuidamos e preservamos para que possamos transmitir às gerações futuras, de acordo com Pellegrini (2007, p. 3), estamos admitindo "que o patrimônio é historicamente construído e conjuga o sentimento de pertencimento dos indivíduos a um espaço na sociedade". Partindo das afirmações dos autores como Pollak (1989), Nora (1990), Le Goff (1990), podemos entender que a memória tem papel decisivo na formação do ser humano.

A partir dessas afirmações, a memória vem sendo considerada como algo importante no que tange à construção de identidades, pois a partir desta construção, podemos reconhecer os acontecimentos do passado e ainda conservar as informações que são importantes de se preservar, tanto na memória individual quanto na coletiva, pois estudar a construção e constituição da memória está intimamente ligada à construção e consolidação da memória social. A história será uma construtora desta memória. A história é a ciência dos seres humanos no tempo (BLOCH, 2001), suas perspectivas, continuidades e rupturas através dos vestígios deixados no tempo. Enquanto a memória é baseada nas experiências e sentimentos, a história utiliza de métodos científicos pré-determinados para construir sua narrativa.

Segundo Marc Bloch (2001), o historiador deve ser, primeiramente, cético, a partir daí surge a crítica sobre a fonte. É neste contexto que a primeira diferença entre elas aparece. O método de construção da memória que é baseado na individualidade, mesmo em situações de memória coletiva, é completamente parcial. A narrativa construída estará diretamente

relacionada com o posicionamento do indivíduo na determinada situação narrada. Já a história, por seguir seus métodos científicos, procura apresentar maior imparcialidade dos fatos em suas narrativas. Mesmo estando, algumas vezes, em lados opostos, memória e história, acabam por se relacionar.

A memória acaba por fornecer dados para a história construir sua narrativa e a narrativa histórica por sua vez, expõe dados e fatos que poderão fazer parte da memória coletiva. A história enriquece as representações possíveis de memória coletiva, fornece símbolos, conceitos, instrumentos rigorosos para que a sociedade pensa a si mesma em sua relação com o passado” (GUARINELLO, 1993, p. 181). Do mesmo modo que a memória atua na construção da identidade, a história é responsável pela criação da autocrítica coletiva. As sociedades se utilizam da própria história para entender o que são e o que podem vir a ser. História e Memória são responsáveis pelo conhecimento acerca do passado, porém apenas a história tem “autorização” para realizá-lo. A História, então, torna-se “a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (NORA, 1993, p. 9).

O papel do historiador será significativo, principalmente quando irá tratar de uma História Nacional. Para o historiador francês Pierre Nora, será a partir do momento em que a História começa a agir sobre as memórias dos grupos, ao se engajar em uma sociedade, memória na historicidade, passa a se sentir a necessidade do trabalho de um historiador, que irá começar a interferir e, conseqüentemente, a fazer desaparecer as memórias em sua forma natural. Dessa maneira, surgem para essas sociedades ou grupos uma outra necessidade, os lugares de memória.

Portanto, ao analisarmos e discutirmos acerca do pensamento de alguns desses autores, como Jacques Le Goff(1988), Pierre Nora(1984;1992,) e Michael Pollak(1987), ambos estudiosos sobre memória e patrimônio, nos reportamos a relação de memória e patrimônio histórico para que possamos concordar com a visão de alguns autores expostos até o presente momento, que os bens culturais podem ser considerados importantes como colaboradores de memória para sociedades e grupos sociais que convivem no contexto desses patrimônios.

As construções de monumentos antigos podem ser consideradas como patrimônio cultural, não somente por conta de sua arquitetura, mas como valor histórico e por assim guardar algum resquício de memória de um indivíduo ou grupo social, a preservação desses monumentos traz a necessidade de preservar memórias que vão sendo construídas através do tempo.

O historiador francês François Hartog (1976), a partir dos monumentos antigos, traz o ser humano da atualidade tomado pela urgência de preservar e proteger a memória, o patrimônio

se torna um requisito básico, tendo em vista que, sendo considerado um signo de memória, guarda em sua materialidade ou expressividade lembranças que são suscitadas a cada evocação dos atores sociais.

Assim sendo, cabe, portanto, aos historiadores profissionais, como irá enfatizar Jacques Le Goff (1994), pesquisar e trazer à tona todos os significados e memória, fazendo com que os saberes históricos produzidos através desse estudo possibilitem aos próprios atores sociais perceberem que são produtores e sujeitos da História. Compreender a preservação do patrimônio é conhecer a história e a memória a partir de lembranças evocadas pela existência desse patrimônio e a preservação dos chamados lugares de memória, devem possuir um sentido para a coletividade, o patrimônio histórico deve ter um papel social e não servem apenas como objeto para exaltação dos nomes daqueles que as construíram. A concepção e preocupação com a preservação do patrimônio, no mundo ocidental, começa a criar a forma como conhecemos hoje por volta do século XIX, em decorrência da Revolução Industrial, onde a sociedade começou a interagir de maneira diferente com o seu espaço. Essa mudança de interação está ligada às transformações das relações de trabalho, as rápidas mudanças nas técnicas e tecnologias e pelo rápido processo de urbanização.

A Revolução Industrial foi marcada por uma intensa aceleração histórica, as intensas rupturas provocaram profundas lacunas e é, talvez, neste momento, que surge a preocupação em preservar o passado. Diante disso, surgem, então, correntes teóricas que discutem os conceitos de preservação e restauração dos monumentos históricos. No Brasil, a categoria patrimônio passou a se tornar preocupante efetivamente no século XX, quando o país passou por uma crise de identidade, marcada pelo processo de urbanização no sudeste brasileiro e pela ascensão das elites industriais. A República recém-instituída procurava estabelecer a identidade nacional.

A noção de patrimônio vigente parte através da preocupação de se construir uma identidade nacional, em meados dos anos 1930, levada adiante pelo decreto-lei 25/37, que criou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN. Segundo dados do IPHAN, os acontecimentos que levaram à criação dos primeiros meios de preservação no Brasil tiveram início ainda em 1916. Quase 20 anos depois, em 1937, foram criadas as primeiras leis e procedimentos de salvaguarda de patrimônio cultural no Brasil, que serviriam como base para todas as leis posteriores. É neste ano que é criado o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) pela lei nº 378 de 13 de agosto de 1937.

Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, onde são inscritos os bens culturais em função do valor arqueológico, relacionado à vestígios da ocupação humana pré-histórica; de valor etnográfico ou de referência para determinados grupos sociais; e de valor paisagístico, englobando tanto áreas naturais, quanto lugares criados pelo homem aos quais é atribuído valor à sua configuração paisagística, a exemplo de jardins, mas também cidades ou conjuntos arquitetônicos que se destaquem por sua relação com o território onde estão implantados

Livro do Tombo Histórico, onde são inscritos os bens culturais em função do seu valor histórico. É formado pelo conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no Brasil e cuja conservação seja de interesse público por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil. Reúne especificamente bens imóveis (edificações, fazendas, marcos, chafarizes, pontes, centros históricos) e móveis (imagens, mobiliários, quadros e xilogravuras, entre outros).

Livro do Tombo das Belas Artes, onde são inscritos os bens culturais em função do seu valor artístico.

Este redimensionamento do valor atribuído a esta categoria está associado à criação de leis relacionadas a incentivar a cultura, tanto no âmbito nacional quanto regional. Destaco, para fins desta análise, a lei: a Lei nº 8.313/91 no âmbito nacional - conhecida como Lei Rouanet, criada no ano de 1991 que autoriza produtores a buscarem investimento privado para financiar iniciativas culturais. Em troca, as empresas podem abater parcela do valor investido no Imposto de Renda.

Até a década de 1970, a preservação de bens culturais estava diretamente ligada à bens imóveis. Apenas com a nova constituição em 1988 que essa realidade começa a mudar. São inseridos como patrimônio cultural bens de natureza material e imaterial. Segundo o artigo 216:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, os objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, sem paginação).

As mudanças apresentadas na constituição de 1988 expressam a transformação de concepção sobre o que é patrimônio cultural nacional. Os tipos de bens inseridos contemplam maiores espaços e diversas situações sociais. O que antes era restrito às camadas mais ricas da sociedade agora abrangem as camadas mais populares. O patrimônio deixa de ser apenas elitizado para ser também popular.

Preservar estes bens, que são públicos, porque fazem permanecer viva a coletividade impressa na territorialidade, é fundamental para a valorização da identidade histórica e, por

consequente, oportunizar um sentimento de pertencimento àquela comunidade, fomentando também os cuidados que a população terá para com o bem e para com a memória que ele se resguarda. A partir da relação entre memória e patrimônio é que pensamos a questão em torno da abordagem da educação patrimonial na discussão das questões históricas para a sala de aula, a partir do saber local.

2.2 Ensino de história local: uma abordagem a partir da educação patrimonial

O ensino de história durante muito tempo passou por transformações ao longo de toda a sua trajetória, assim como várias disciplinas, que são necessárias para adequação às necessidades para formação do ser humano, já que a sociedade em que vivemos está em constante mudança. A história faz parte de todos os seres humanos, sendo importante para que cada um destes se estabeleça em sua sociedade, tendo conhecimento sobre a história de seu povo, sua terra. Este tipo de conhecimento é essencial para qualquer indivíduo, pois a história apresenta as modificações e acontecimentos importantes para a sociedade em sua memória e patrimônio cultural, dentre eles a história brasileira.

A disciplina de História possibilita a construção de memória coletiva, dando origem à tradição (PINTASSILGO, 2001, p.1). Através dessa finalidade, a história pode perpetuar os valores culturais da nação, porém esses valores serão àqueles que a alta sociedade que detém o poder tem interesse que seja possível voltar no tempo, ou nos acontecimentos históricos, e constatar com base em documentos oficiais, o quanto o ensino de História foi e continua influente na sociedade século após século.

É importante observar que história como disciplina escolar, não é considerada relevante por algumas instituições de ensino, que mediante algumas observações no currículo escolar, não existe a sua presença como disciplina. Mesmo diante dessa triste realidade, não podemos deixar de lembrar que a História sempre foi parte essencial do currículo escolar da educação básica. Mesmo no período colonial, com o ensino jesuíta, ela estava lá na forma de História Sagrada.

Por outro lado, mesmo a disciplina de história encontra-se fragmentada em pleno século XXI, pois vem sofrendo diminuição de horários no currículo escolar, causando o seu distanciamento do alunado. A história como disciplina, ou campo do conhecimento, não deixa de ser importante e influente nos demais contextos sociais, nas relações entre as pessoas, no respeito aos diferentes modos de vida, grupos e comunidades, na preservação da memória e identidade. A aprendizagem do conhecimento histórico sempre foi fundamental nas relações

pessoais e interpessoais, com o objetivo de compreender a história de um povo, da humanidade, ou seja, no campo (educacional, cultural, social, ético, moral, na investigação concreta dos fatos, tempo, espaço, e na reflexão crítica do passado sobre o presente).

O ensino de História deve estar voltado a valores fundamentais para a vida em sociedade e para o conhecimento construtivo dos aprendizes. É necessário valorizar a memória de cada sujeito histórico, que certamente, uma vez com luta ou não, construiu uma história, ou deixou marcas na época em que viveu, seja as marcas boas ou não, é preciso que saibamos respeitar. É através dessa consciência de preservação de identidade e valorização da memória de cada sujeito histórico que possamos trazer a história nacional, regional, ou seja a história local para preservação e identificação do ser como agente histórico. Aprender história implica, portanto, conhecer o passado e, a partir de um olhar reflexivo, se reconhecer enquanto sujeitos históricos responsáveis por seus destinos. Se o aluno não conhece a história de sua cidade ou de seu Estado não terá condições de atuar plenamente como cidadão, atento às mudanças positivas e negativas de sua comunidade.

A história enquanto disciplina foi alçada à categoria de Ciência Humana que, com a Geografia, vem sendo utilizada para condicionar os alunos na forma de formação do ser humano enquanto ser ativo e participantes de decisões que envolvem os discentes a uma estrutura político-ideológica, que continua a ser gerenciada pela classe dominante que se encontra à frente dos Poderes Públicos. Desde o regime militar, a história como matéria controlada politicamente, sendo abordados assuntos somente que os interessavam, conteúdos direcionados a valorização de certos programas institucionais a determinados fatos de âmbito nacional se sobrepõem à possibilidade de construção no ambiente escolar de uma história local:

A importância do estudo da história local nas escolas está na tentativa de fazer com que o aluno reaprenda e valorize a história de sua sociedade e de sua própria história, mostrando que o mesmo é participante da história tornando também este ensino importante para sua vida, desconstruindo assim a ideia de que o ensino de história não lhe diz respeito, pois não está ligado a ele, rompendo, portanto a forma de ensino tradicional de memorização, sistemática de datas e fatos para a construção de um estudo participativo e investigativo por parte do professor e do aluno, reafirmando a importância e a necessidade da interação da escola e comunidade, pois desta forma incentivará a reconstrução histórica da mesma (LIMA,2011,p.10).

O ensino de História pode promover e possibilitar junto ao alunado em termos de reconhecimento das atitudes políticas, econômicas e sociais que os cercam na sua própria cidade e Estado não só a nível federal, como também estadual e municipal, a interagir no conteúdo da disciplina de História, obrigando através de legislação, os discentes a conhecer e compreender muito mais assuntos pertinentes à temática nacional e mundial, priorizando portanto um ensino de história não distante da realidade do aluno, sendo tais práticas determinadas por um conjunto

de leis estabelecidas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Sendo assim, seguido pelo governo Estadual e Municipal.

[...] um dos campos em que o menor avanço pode ser observado, é exatamente o que se refere ao ensino do local e do regional. Esse conteúdo está presente nos programas curriculares de quase todas as redes de ensino fundamental, englobando as particulares e as públicas municipais, estaduais e federais. Nos materiais didáticos, nas práticas pedagógicas, nos processos avaliativos relativos aos temas locais e regionais, ainda permanece quase intocado o perfil conservador do ensino das Ciências Humanas (RIBEIRO, 2004, p. 02).

No que tange o ensino de história com enfoque no ensino da História Local, no contexto da educação brasileira, não é tratada como uma novidade. No Brasil, o tema do ensino local/regional no ensino de História tem já uma longa trajetória. Sua inserção nos documentos norteadores das práticas pedagógicas remonta aos anos 1930, momento no qual a legislação educacional, por meio da normativa “Referências Curriculares e Instruções Metodológicas”, que consolidou a obrigatoriedade da História como disciplina escolar (SCHMIDT, 2012).

Segundo Melo (2014), o ensino da História naquele período estava pautado pela ênfase nos aspectos cotidianos da população no intuito de abrir os caminhos necessários à formação de um cidadão mais consciente e crítico. A proposta feita para ensinar história a partir do local/regional surgiu no seio do movimento norte-americano chamado Escola Nova, que apresentava o aluno como o centro da construção da educação, do conhecimento, assim como propunham que os métodos de ensino tradicionais ensinados já não tinham tanta eficácia dentro da realidade social do momento e assim não garantiam a preparação dos alunos para serem cidadãos bem adaptados a sociedade.

Além disso, os educadores escolanovistas legitimam a escola como papel de agente democratizador e inclusivo de todos os cidadãos. Os escolanovistas, nome pelo qual foram identificados por serem intelectuais que visavam uma nova educação no país, apontavam os caminhos pelos quais seriam processadas as alterações metodológicas nas disciplinas escolares. Tendo em vista uma proposta integradora, estes criticavam:

[...] os métodos de decoreba e a excessiva repetição das datas e fatos políticos ocorridos em torno do Estado, que gerava um aluno passivo [e defendiam] um ensino de História que formasse um aluno investigativo, crítico, que fosse capaz de comparar, generalizar e atribuir juízo, devendo ser a memória o ponto de partida, não de chegada (MELLO, 2014, p. 107).

A partir da indagação da Escola Nova houve uma preocupação no campo da História voltado para a reconstituição do passado a partir de escritos voltados para estabelecer a construção do presente a partir de acontecimentos passados. As reformulações na política educacional brasileira naquele período, que ficaram conhecidas como reforma Gustavo Capanema, pois insistiram na necessidade de fazer com que o aluno desenvolva um pensamento

relacional e crítico, bem como enfatizaram a autonomia didática do professor para desenvolver uma metodologia de ensino que aliasse teoria e prática no estudo da história local. Neste período o ensino da História Local iria aparecer como um recurso didático capaz de produzir conhecimentos históricos a partir de métodos de ensinamentos inspirados na teoria dos círculos concêntricos, onde sua principal característica focava na possibilidade de compreender as realidades distantes e posteriormente distintas a partir do mais próximo. Assim, buscava-se “[...] desenvolver nos alunos noções de espaço e tempo a partir dos estudos da escola, do bairro, da casa, da rua, para ir se ampliando, chegando ao estudo da cidade, do estado e assim por diante” (SCHMIDT, 2012, p.86).

Neste período, o ensino da história local era abordado dentro das instituições de ensino a partir de critérios objetivos, como por exemplo, a vinculação pelo nascimento a um determinado lugar que conferiam e legitimam a um sentimento de pertencimento que chamamos de identidade. Essa identidade local/regional estaria materializada em bandeiras, hinos e demais símbolos de uma memória que se pretendia integradora de todos os grupos sociais, ressaltando uma suposta união sociocultural e política entre os diferentes sujeitos de uma mesma comunidade na perspectiva de sublimar os conflitos inerentes à vida em sociedade.

De acordo com os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN 's) do ensino de História, demonstram alternativas que favorecem a compreensão dos alunos em relação ao estudo da memória na construção do conhecimento histórico. Entre os conceitos presentes no PCN em relação ao ensino de História, destaca-se a importância da construção da identidade individual e social, conceito este fundamental, já que a identidade e a memória têm uma estreita relação, conforme os estudos de Pollak (1989).

A construção de identidades pessoais e sociais está relacionada à memória, já que tanto no plano individual quanto no coletivo ela permite que cada geração estabeleça vínculos com as gerações anteriores. Os indivíduos, assim como as sociedades, procuram preservar o passado como um guia que serve de orientação para enfrentar as incertezas do presente e do futuro.

O ensino de história local apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador, seu educando, a sociedade e o meio de forma de vida que se inserem. Na perspectiva, o ensino-aprendizagem da história local configura-se como um espaço-tempo de reflexão crítica acerca da realidade social e, sobretudo, referência para o processo de construção das identidades destes sujeitos e de seus grupos de pertença.

As bases legais que irão definir o ensino de história traz dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997, o ensino de história dividido em duas partes; sendo a primeira

composta por características, princípios, conceitos e algumas concepções curriculares para o ensino de história, além de objetivos gerais, critérios de seleção e organização de conteúdos por área. Na segunda concepção estão as propostas do ensino e aprendizagem para o primeiro e segundo anos do ensino fundamental que são divididos em quatro ciclos com objetivos, critérios de avaliação e orientações didáticas para a prática da pesquisa escolar, para o uso de variados materiais didáticos e documentos, além de sugestões para atividades extraclasse.

Ainda dentro dos conceitos acerca do ensino de história, o parâmetro curricular nacional - PCN (1997) tem como pressuposto que o aluno possa aprender a realidade dentro de sua diversidade e nas múltiplas dimensões temporais, destacando os compromissos e as atitudes para com os indivíduos, de grupos e de povos na construção e na reconstrução das sociedades, propondo questões locais e regionais. Dentro da formulação do PCN de 1988, com relação ao ensino fundamental vai haver a valorização da localidade:

A preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia-a-dia. (BRASIL, 1998 p.40)

No que diz respeito ao PCN para o Ensino Médio, sobre a história local, divulgados entre 1997 e 1998, foram construídos a partir da experiência e contextos mais amplos na vivência do alunado:

O ensino e aprendizagem de História estão voltados, inicialmente, para atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações do modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas [...] Os estudos da história local conduzem aos estudos de diferentes modos de viver no presente em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço. Nesse sentido, a proposta dos estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais. Classificando-os como mais evoluídos ou atrasados (Brasil/MEC/SEF, p.38-52).

A História Local foi valorizada também como estudo do meio histórico, ou seja, como recurso pedagógico privilegiado [...] que possibilita aos estudantes adquirirem, progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo de que fazem parte”, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, (1998, pág. 9). Estes parâmetros contribuíram para o desenvolvimento de metodologias e estratégias para uma maior compreensão da História Local. As práticas sugeridas dentro de suas competências têm como enfoque a aplicação efetiva de

novos conhecimentos essenciais no âmbito educacional, dentro e fora da sala de aula. A proposta para a área do ensino de História visa trabalhar a história pessoal do aluno, de sua realidade, visando a introdução de elementos da vivência do aluno dentro do ensino da história local.

O significado de local, é relativo a um lugar pode ser associado a diversas configurações. Assim, é possível associar o local tanto como um lugar político-administrativo (municipal, bairro, distrito) quanto uma aldeia indígena ou até mesmo uma instituição (escola, hospital, fábrica). Nesse sentido, o local irá ser mais que o recorte de uma unidade o mesmo será um lugar de sociabilidade onde o conjunto de experiências dos sujeitos individuais e coletivos se desenvolvem em relação de complementaridade, favorecendo o diálogo entre o passado, presente e futuro (GONÇALVES, 2007). A história local e seu ensino, sendo caracterizado no Estado da Paraíba, como uma história da Paraíba e do próprio município onde reside o discente, pouco vem sendo desenvolvido por uma série de fatores, fazendo com que o aluno não conheça a verdadeira história do seu Estado Natal como o de sua cidade.

Esse esvaziamento do ensino de história local também é sentido pela própria sistemática adotada para ingresso no ensino superior, onde conteúdos de história do Brasil e a história Ocidental são massivamente cobrados nas avaliações, principalmente no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Um outro aspecto a ser levantado quanto ao pouco ensinado de História Local tem relação com a continuidade de práticas políticas desenvolvidas por grupos políticos dominantes, os quais não têm qualquer interesse em aguçar a curiosidade ou promover o engajamento dos alunos quanto aos problemas de sua cidade ou Estado. As práticas docentes da disciplina de história direcionadas a tais questões poderiam transformar o cenário político, que ocasionaria uma diminuição do poder de determinado grupo político ou mesmo a sua sucumbência a novas forças políticas.

Trabalhar a história local no processo de ensino interdisciplinar é uma maneira de promover artifícios novos que levarão o aluno a uma visão mais crítica do conhecimento de sua origem, a variedade de instrumentos e método interdisciplinares proporcionará significado de forma não fragmentada da cultura baseando-se no contexto histórico, tornando o aluno protagonista do processo de construção da história local. As diretrizes atuais que circundam sobre a História local encontram raízes no texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 – documento curricular oficial, destaca o que é pertinente a ser transmitido aos discentes em relação ao processo de ensino da História, conforme destaca em seu artigo 26, § 4º:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia (BRASIL, 1996, p. 19).

Partindo dessa concepção, os textos abordados nos PCNs reconhece “[...] é no dia-a-dia das escolas e das salas de aula, a partir das condições, contradições e recursos inerentes à realidade local, que são construídos os currículos reais” (BRASIL, 1997, p. 15) e acrescenta que no percurso do Ensino Fundamental os alunos devem ser capazes de:

Situar acontecimentos históricos e localizá-los em uma multiplicidade de tempos; Reconhecer que o conhecimento histórico é parte de um conhecimento interdisciplinar; Compreender que as histórias individuais são partes integrantes de histórias coletivas; Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles, continuidades e descontinuidades, conflitos e contradições sociais; Questionar sua realidade, identificando problemas e possíveis soluções, conhecendo formas político-institucionais e organizações da sociedade civil que possibilitem modos de atuação; Dominar procedimentos de pesquisa escolar e de produção de texto, aprendendo a observar e colher informações diferentes, paisagens e registros escritos, iconográficos, sonoros e materiais (BRASIL, 1997, p. 121).

Estes aspectos contribuem para uma vivência e conhecimento com as manifestações culturais e costumes locais, ampliando as redes afetivas de convivência e construções de laços de solidariedade com a comunidade local. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de História para o ensino fundamental já destacam a importância da educação patrimonial como forma de refletir diversas questões sociais, principalmente sobre as relações entre homem e natureza, memória e identidade:

Debater a questão do patrimônio histórico pode remeter às preocupações do mundo de hoje de preservar não só as construções e os objetos antigos, mas também a natureza e as relações dos homens com tudo isso. Pode remeter também para debates sobre as fontes de pesquisa dos estudiosos e para as fontes de informação que sustentam a produção do conhecimento sobre o passado (BRASIL, 1988, p.90).

O ensino de História da Paraíba nas salas de aula do estado sempre foi um desafio, por não existirem em livros didáticos, assim como o ensino da história local da cidade. A ausência do ensino de história local no estado e o silenciamento da camada popular nos discursos históricos oficiais podem contribuir para que os alunos tenham dificuldade em assumir um papel ativo no processo histórico. O aluno em muitos casos pode vir a acreditar que a história é construída por aqueles que se destacam através de grandes feitos. O conhecimento da história do seu meio se faz importante na construção das identidades e da cidadania dos alunos e

professores para que essas lacunas sejam preenchidas com o lançamento e aprimoramento dos materiais didáticos, assim como a garantia de preparação para que os docentes possam estar aptos a trabalharem a temática. Entre as perspectivas pedagógicas positivas temos a de Freire, que defende a atuação democrática de um educador pode via a ser verificada quando o aluno apresenta condições para assumir uma postura:

democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido (FREIRE, 2002, p. 127)

Refletir sobre a falta da história local no ensino fundamental e no ensino médio se mostram pertinentes, visto que persistem muitas deficiências nesse campo e que a utilização desses materiais didáticos existentes ainda se mostra um desafio para docentes e alunos. A falta de inclusão da História do local assim como da História da Paraíba no currículo escolar da educação básica até o ensino médio pode produzir um distanciamento da aprendizagem histórica. A educação na Paraíba vem progredindo bastante em relação ao seu ensino, mas no que tange a história local do estado ou até de seus municípios, pouco é estudado dentro das escolas públicas, sendo somente ensinado tal assunto relevante a história do estado da Paraíba abordado dentro dos cursos de graduação.

Se compararmos com o ensino escolar do Maranhão, por exemplo, são comuns as práticas de revisão do conteúdo de história do Maranhão, geralmente realizado próximo à realização do vestibular da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, que ainda exige o domínio desse conteúdo e não usa o ENEM como referência. Vale ressaltar, no entanto, que alguns conteúdos referentes à História do Maranhão aparecem timidamente no contexto da história do Brasil tais como: França Equinocial, Revolta de Beckman e a Balaiada sendo, portanto, contemplados na lógica da Base Nacional Comum Curricular.

A construção de uma história local na sala de aula guarda grande valor quando permite ao aluno despertar um senso crítico quanto a aspectos relevantes da vida na sua comunidade. Daí também parte a necessidade de debates em torno de temas locais, que possam fazer do discente um agente transformador de sua realidade, e não apenas um figurante do processo histórico. A partir do conhecimento de sua própria história o aluno ou aluna passa a entender e fazer parte de sua comunidade.

Ao estudar os conteúdos da história local, o professor tem a oportunidade de conhecer demais fontes que aprofundam mais as informações colhidas, desta forma esse estudo

proporciona ao educador conhecer e trabalhar conteúdos de forma interdisciplinar, assim sendo, “cabe ao professor: desenvolver um trabalho de integração dos conteúdos de história com outras áreas de conhecimento” (BRASIL, 1997, p. 34). E assim a aula permeia outros conhecimentos ampliando o conhecimento, a interrelação de saberes dos alunos. reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável vai muito além do acúmulo de informação (BRASIL, 2018, p.14).

Atualmente, diante do que está posto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), proposta pelo Ministério da Educação (MEC), a BNCC abrange os ensinos infantil, fundamental e médio. A mesma rege a educação básica brasileira a partir de etapas, garantindo assim a equidade na qualidade no ensino, sendo constituída por uma lista de habilidades e competências consideradas importantes para o desenvolvimento dos alunos. A partir desta proposta presente na BNCC, podemos observar que há meios e possibilidades para se desenvolver a história local, já que é possível construir junto ao alunado, noções de conhecimento e pertencimento ao contexto que cada um está inserido. A BNCC, em sua estrutura, aponta-nos que os estudos dirigidos a história local condizem com diversos meios e modo de vida a serem estudados no presente como em tempos passados que existiram no mesmo espaço (BRASIL, 1998, p.52):

Não se aprende História apenas no espaço escolar. As crianças e jovens têm acesso a inúmeras informações, imagens, e explicações no convívio social e familiar, nos festejos de caráter local, regional, nacional e Mundial. São atentos às transformações e aos ciclos da natureza, envolvem-se com os ritmos acelerados da vida urbana, da televisão, e dos videoclipe, são seduzidos pelos apelos de consumo da sociedade contemporânea e preenchem a imaginação com ícones recriados a partir de fontes e épocas diversas. Nas convivências entre gerações, nas fotos e lembranças dos antepassados e de outros tempos, crianças e jovens socializam-se, aprendem regras sociais e costumes, agregam valores, projetam o futuro e questionam o tempo (BRASIL, 1998, p.37-38).

Diante de tal esclarecimento, vemos que a sociedade em geral pode e possui meios que possam educar o ser humano, principalmente no campo da história onde apresenta diversos meios para a formação do cidadão. A partir deste modo, as competências que se aplicam às ciências humanas apontam-nos caminhos para que possamos desenvolver no ensino temáticas que dialoguem com a memória e o patrimônio para preservação da história local, a partir de apresentação da história local, visitação a monumentos históricos que fazem parte da construção da história de um determinado lugar, a conscientização para se preservar a memória e o patrimônio.

Mesmo diante do que foi colocado até o presente momento com relação às propostas

sugeridas pela BNCC, em relação ao ensino da história local, não é colocada em um lugar de protagonismo dentro do currículo escolar, o que por esta falta pode provocar o não pertencimento dos alunos como agentes de seu meio e apagamento das memórias relacionadas ao patrimônio cultural, ficando como apenas coadjuvante no currículo proporcionado e, por muitas vezes, é esquecida, uma atitude equivocada, já que o estudo sobre a história local é de grande importância, pois o aluno poderá construir sua consciência histórica e pertencimento através das memórias construídas através daquele local, que poderá ser potencializada através da educação patrimonial. A partir desta preservação e o ensino da história local, podemos atribuir a história do estado e da cidade de vivência dos alunos para que se possa começar a trabalhar essa memória e identidade dos alunos.

Segundo dados divulgados pelo IBGE (BRASIL,2018), o Brasil possui 5.570 municípios, sendo apenas a cidade de Pedra Lavrada-PB, fazendo jus ao monumento que deu origem ao nome da cidade, o que é de grande significado para mesmo que não saibam o real significado do nome e monumento para a história, fazem com que a população se orgulhe de sua história e fazem com que seus habitantes compreendam a dimensão da riqueza que abriga a sua terra, começando pelo nome da cidade e se estendendo pelo valor do patrimônio arqueológico e cultural que possuem. Sendo este monumento arqueológico grande possuidor de vestígios históricos de povos antepassados que passaram por estas terras lavradenses.

A fim de preservar a memória e patrimônio construídos é que apresentamos a abordagem metodológica da Educação Patrimonial como instrumento de preservação e valorização do Patrimônio Cultural, para que seja desenvolvida em toda a sociedade, com foco em escolas, instituições comunitárias, comunidade, ou seja, em todas as esferas sociais que participam da dinâmica sociológica local. Em relação ao papel da Educação Patrimonial no ensino da história, a definição dada pelo IPHAN, na sua página da internet, afirma que:

A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural (Cf: <http://portal.iphan.gov.br/p.343>).

Visando assegurar a memória e a identidade de um povo, a educação patrimonial vem se tornando um elemento essencial na promoção do patrimônio, sendo considerada uma das iniciativas mais difundidas. Educação patrimonial é um instrumento que tem como proposta a alfabetização cultural. Para que todos os indivíduos possam visualizar e ler o mundo que os

rodeia, levando a estes a compreensão da sociedade em que habitam. O Trabalho da Educação patrimonial visa acabar com a falta de uma consciência histórico-cultural por parte da sociedade que torna a preservação ineficaz, promovendo a desvalorização e o desmonte das territorialidades de memórias, contribuindo assim com o apagamento da coletividade e tornando expresso cada vez mais a perda do sentido de pertencimento da sociedade.

Para Possoli (2008), a Educação Patrimonial objetiva um método de ensinar os indivíduos compartilhando esse conhecimento com o outro. A preservação do patrimônio cultural, enquanto herança da coletividade, construída através de todas as vivências individuais, só se efetiva a partir do processo de implantação da Educação Patrimonial, sendo esta a principal instrumentalização de valorização e consequente preservação dos bens públicos de grande valor:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 06)

Percebe-se que a valorização do patrimônio, partindo da educação patrimonial irá possibilitar o conhecimento do seu meio, podemos ressaltar que a Educação Patrimonial se apresenta como um processo permanente e sistemático em constante dinâmica, ela funciona como um instrumento de alfabetização cultural, que possibilita ao indivíduo fazer uma leitura do mundo que os rodeia levando-o a compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido (HORTA et al.1999).

Assim, a educação patrimonial e suas mediações irão possibilitar a interpretação de bens culturais, tornando-se um instrumento importante de promoção e vivência da cidadania. Consequentemente, gera a responsabilidade na busca, na valorização e preservação do Patrimônio:

O trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA; GRUNBERG; QUEIROZ, 1999. p.6).

A partir disso, a educação patrimonial visa preservar propiciando para que as próximas gerações conheçam e preservem a sua identidade. A preservação e o estudo da educação patrimonial não acontecem somente em esfera pública, mas também em sala de aula é algo recente que, aos poucos, vai sendo incorporado ao currículo escolar oficial.

Isto está em desenvolvimento, pois se tornou visível, graças à atuação de vários estudiosos como Horta(1983), Matozzi (2008), que a educação patrimonial pode auxiliar na mediação e propiciar aos diversos públicos a possibilidade de interpretação dos bens culturais como a memória e patrimônio cultural atribuindo-lhes sentidos, estimulando a comunidade a exercer a cidadania e a possuir uma responsabilidade social de compartilhamento, preservação e valorização dos patrimônios material e imaterial, assim como a memória que estão, como já vimos, ao nosso redor, assim preservando a sua identidade e pertencimento a aquele lugar.

A preservação do patrimônio e memória irão entrar na preservação da memória local por parte da população a partir da educação escolar, frisando a história local como identidade de pertencimento. Ao historiador cabe, acima de tudo, pensar criticamente a onda patrimonialista que vivemos, bem como que concepções de passado e de tempo subjazem ao crescente desejo de patrimonialização, ou seja, de preservar monumentos que remetem a um acontecimento histórico. Contudo, se por muito tempo o trabalho do historiador foi assim considerado e ocupou um lugar marginal na discussão do processo de patrimonialização cultural, nos dias atuais, o papel do historiador precisa ser entendido de modo mais complexo, na medida em que tem assumido novas tarefas desafiadoras, pois tem aberto um novo campo de trabalho, sendo o mediador para tal preservação da memória, do patrimônio cultural, de sua identidade.

3 A PEDRA DE RETUMBA DE PEDRA LAVRADA E PROPOSTAS EDUCATIVAS PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Ao longo deste capítulo buscaremos mostrar a formação da cidade de Pedra Lavrada-PB e sua história, assim como apresentar a principal característica histórica da Cidade, a Pedra de Retumba, que deu origem ao então município paraibano. A partir dessa apresentação sobre a constituição do município lavradense, sua pedra de Retumba e histórias que aconteceram nestas terras, buscaremos mostrar meios para que o ensino da história local seja introduzida dentro das salas de aulas, tanto do ensino fundamental, quanto no ensino médio, com propostas pedagógicas desenvolvidas que façam dialogar a história do município, sendo introduzidas por meio da educação patrimonial.

3.1 Breve histórico de Pedra Lavrada-PB

O território brasileiro é rico em história cultural, regional e local ao longo de seus 26 estados. A região do Nordeste Brasileiro é um grande possuidor de riquezas e culturas ao longo dos seus 9 estados e um deles, especificamente, a Paraíba, 27^o unidade federativa do país, localizada ao leste da região Nordeste do Brasil, é um estado rico em história ao longo de seus 223 municípios, mas algumas dessas histórias ainda são pouco conhecidas.

Dentre estes municípios que compõem o estado, encontramos a cidade de Pedra Lavrada, localizada na Mesorregião da Borborema e na Microrregião do Seridó. Uma área de 393.4 km, com uma história de fundação rica de detalhes como o significado da origem do nome que a cidade possui. Segundo consta no site oficial do município, o nome pedra lavrada (nome da cidade) foi escolhido pela existências de pedras com gravuras e artes rupestres.

Tal explicação se torna muito vaga, tendo em vista que ao longo de toda a extensão do município existem vários sítios arqueológicos que são atualmente catalogados, não especificando, com exatidão, a qual sítio o nome pertence. A origem do nome do município está localizada a partir do complexo arqueológico do Cantagalo e é conhecida pelos habitantes da cidade como “a Pedra Lavrada” sendo esta a pedra de Retumba, que se situa a 700 metros do perímetro urbano, dentro do complexo arqueológico, que além desta possui vários outros monumentos.

Apesar de grande maioria da população lavradense conhecer o sítio arqueológico, poucos conhecem o monumento que deu origem ao nome da cidade por sua denominação oficial. A Pedra de retumba, a Pedra lavrada, recebeu este nome em homenagem ao Engenheiro de Minas Francisco Soares da Silva Retumba, sendo o primeiro a produzir relatórios sobre o tal monumento. O município de Pedra Lavrada está localizado a 100 km da cidade de Campina

Grande e 230 km da capital paraibana João Pessoa, é integrante da microrregião do Seridó Oriental onde compartilha raízes históricas com a cidade de Picuí e Cuité, duas das cidades antigas e principais desta região.

Figura 1 - Mapa da Paraíba com destaque na Cidade de Pedra Lavrada-PB



Fonte: https://familysearch.org/pt/wiki/Pedra_Lavrada,_

Em virtude das inscrições rupestres, a cidade é rica na tradição Itacoatiara de arte rupestre, sendo referência para viajantes e pesquisadores. Localizadas em seu sítio arqueológico, as inscrições rupestres estão incluídas na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional em 2005. Esta delimitação tem como critérios o índice pluviométrico. A história do povo lavradense começou, de acordo com estudos acerca da formação do povoado e atual cidade paraibana, no ano de 1750, através de uma fazenda pertencente a família Gomes Barreto que residiam nestas localidades, se originou a povoação denominada de Itacoatiara (logo retirado do site oficial) que perdurou por muito tempo na construção da história da cidade, sendo retirado entre os anos de 2013-2016 período referente a então gestão do Prefeito Roberto José de Vasconcelos Cordeiro.

Logo mais, a partir da existência de figuras e inscrições rupestres em minerais de grande porte (pedras) localizadas a cerca de 1km de distância da cidade que passou a se chamar de Pedra Lavrada.

Presume-se que em 1750, de uma fazenda pertencente a família Gomes Barreto, originou-se a povoação de Itacoatiara, que depois passou a ter o nome atual, em virtude da existência de pedras lavradas distantes cerca de 1km de onde está erguida a cidade, existindo também no local, um grande bloco de granito onde se encontram inscrições variadas, alvo de estudos de diversos historiadores (SOUZA, 2011, p.1)

O historiador Ademario de Souza e educador de Pedra Lavrada (falecido), afirma que no ano de 1750, com o intermédio do visitante Dr. Alexandre Bernardino dos Reis, o senhor José Bezerra da Costa, um homem de grande influência por ser possuidor de diversas terras, principalmente entre Cubati e Barra de Santa Rosa, pediu licença para que fosse edificada neste povoado uma capela de Nossa Senhora da Luz ao atual bispo de Campina Grande, Dom Tomaz da Encarnação Costa (RIETVELD, 2010). A licença foi concedida ao senhor José Bezerra da Costa que doou 25 graças para a edificação e construção da capela, atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz, padroeira da cidade, que não se sabe o motivo para a paróquia ser destinada a Nossa Senhora da Luz. No dia 29 de maio de 1750, a capela que era pertencente à freguesia de Caicó foi inaugurada com uma grande procissão (ato que acontece todos os anos).

Em 1843, a senhora Vivência de Paiva Cunha, irmã do então coronel Antonio Gomes Arruda Barreto, doou ao patrimônio de Nossa Senhora da Luz 558 hectares de terras do nascente ao poente, como 2.400 braças de terras do norte ao sul onde se limitava com as terras do sítio Tamanduá, ao poente com as terras do sítio Retiro e Carnaúba, ao norte com as terras do Sítio Caldeirão e ao sul com o Riacho dos Porcos (atual barragem dos Porcos em construção, Pe. João Jorge Rietveld, 2010). A partir destas terras doadas ao entorno da capela de Nossa Senhora da Luz, o povoado começou a se desenvolver e crescer posteriormente. A partir da vista tendência de crescimento, o então povoado foi criado através da lei provincial nº 02, de 19 de Agosto de 1859, foi assim criada a freguesia de Pedra Lavrada:

Ambrósio Leitão da Cunha, Presidente da Província da Parahyba do Norte: Faço saber a todos os seus habitantes que a assembléia legislativa provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte: Art 1º Fica creada uma freguezia na povoação de Pedra Lavrada, termo do Cuité, servindo de matriz a capella Nossa Senhora da Luz. Art 2º Os seus limites são os seguintes: partindo ao nascente do lugar denominado Campo de Felix Ferreira - exclusive, no limite da freguezia de Campina Grande, e princípio da de Cuité, em rumo certo a Alagoa - Campos Novos; - e dahi ao norte em linha recta pelos lugares denominados - Cinco Lagoas, Cotovelo e Crina do Serrote - conhecido por Tanque do Boi na cordilheira da Serra -Coruja- que pelo poente separa esta província da do Rio Grande do Norte; respeitando-se, quanto aos demais pontos divisórios, os actuaes limites da mesma freguezia de campina grande e dá de São João. Art 3º Revogão-se as disposições em contrário. Mando portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da presente lei pertencer, que a cumprão e fação cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém. O secretário desta província faça imprimir, publicar e correr. Palácio da presidência da Parahyba do Norte, aos 19 de agosto de 1859, trigésimo oitavo da independência e do império. Ambrósio leitão da Cunha (PINTO,1908,p.272).

Sendo assim, a partir desta lei, desmembrada da Freguesia de Cuité, que por conseguinte fora desmembrada de Caicó, no dia 25 de Agosto de 1801 que dependia do Bispo Dom Joaquim de Azevedo Coutinho que pertencia a Olinda.

Fig.2 Imagem da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz, Pedra lavrada-PB (2021)



Fonte: Imagem da galeria da autora

Com a freguesia criada, a freguesia de Pedra Lavrada se estendia ao riacho do jerimum, hoje atual cidade de Nova Palmeira. O desejo de se tornar cidade estava presente e, da união de duas famílias nasce o então desejo da libertação e criação da cidade de Pedra Lavrada. Na década de 50, do século XX, as terras que hoje se localizam nos municípios de Frei Martinho-PB, Nova Palmeira-PB, Pedra Lavrada-PB e Cubati-PB eram pertencentes ao Município de Picuí, que anteriormente pertencia a Cuité. No início desta década, os líderes políticos das então vilas e povoados acima mencionadas como: Rivaldo Henrique da Costa, Luiz Eugenio, Nego Caetano, José Amaro e Bento de Nova Palmeira; José de Medeiros Dantas, José Paulino da Costa, Leoncio Sales, Antonio Caboclo e José Justino de Cubati, com a liderança de João Cordeiro e Eugênio Vasconcelos de Pedra Lavrada, uniram-se para eleger um a prefeito para a cidade de Picuí que estivesse ligado a causa de libertação das então vilas.

Deste modo, foi eleito João Cordeiro e na eleição subsequente, o representante da Família Vasconcelos (uma das famílias mais antigas e influentes até os dias atuais na cidade), Eugênio Vasconcelos e, a partir do seu governo, inicia-se o processo de emancipação política de Pedra Lavrada. Sua emancipação política aconteceu em 1959, sendo desmembrada do município de Picuí através de uma organização política que se articulou para esta finalidade.

Destaca-se o empenho de João Cordeiro Sobrinho e Eugênio Vasconcelos, até então líderes locais. A partir desta época, a cidade de Pedra Lavrada. m de sua história originária, o município intitulado de pedra lavrada ganhou tal denominação por ao longo de sua extensão territorial está presente pinturas rupestres encontradas por estudiosos e viajantes que observaram e a utilizaram como estudo.

Atualmente, o município lavradense possui 45 sítios arqueológicos com várias tradições e datações distintas, entre eles o mais próximo a cidade, sítio Cantagalo, que abriga a pedra de Retumba, conhecida popularmente como “Pedra Lavrada”. Além de um vasto acervo de pinturas rupestres, que apontam a presença de povos primitivos nesta localidade do Seridó paraibano, foram encontradas nestas terras, mais propriamente no sítio Canoa de Dentro, no leito de uma antiga lagoa, grandes restos fossilizados que representam animais da megafauna como a preguiça-gigante.

A história deste município é de grande valia para compreendermos a concepção de seus habitantes e povos que habitavam estas terras em tempos mais remotos, como os povos pré-históricos, animais da megafauna e a presença de indígenas no Nordeste, como na Parahyba. O município lavradense, no ano de 1974, mais precisamente no dia 27 de julho, entrou para o circuito das mídias de forma inusitada, pois fora publicado no Diário da Borborema pelo jornalista Francisco Rodrigues, um artigo em que ele escrevia sobre a presença de Indígenas na cidade:

Seres humanos que viviam no mais completo isolamento, na serra das Flechas, no município de Pedra Lavrada, neste estado, foram descobertas recentemente pelos fazendeiros João Batista de Vasconcelos, o “Joça de jari”, proprietário da fazenda Flecha, no entanto eles ainda não foram trazidos à luz da civilização, todavia a existência deles é assunto obrigatório em que todas as conversas não só em Pedra Lavrada, mas em toda a região. A presença de “índios” ou caboclos bravos na serra das Flechas, já era comentada há muito tempo. Uns diziam que realmente eles existiam, outros afirmavam que tudo não passava de fantasias de caçadores.”Joça de Jerina”, conhecido proprietário rural daquele município paraibano era um dos que acreditavam na existência dos “índios” e sempre afirmava isto a amigos ou conhecidos. Diversas vezes tentou comprovar que as afirmações eram verdadeiras pois seus roçados localizados nas proximidades da “Serra” eram sempre visitados à noite por pessoas estranhas que deixavam no solo suas pegadas. Algumas noites juntamente com empregados armados de espingardas e outras armas no entanto os “caboclos” sempre pressentiam a presença do “perigo” e não apareciam. Há uns quinze dias, porém o mistério foi desfeito. “Joça de Jerina” estava abrindo uma picada em suas terras localizadas na “serra”, onde antes ninguém tinha ido. Para espanto seu em determinado momento deparou-se com uma mulher de aparentemente quarenta anos que foi surpreendida sentada sobre uma pedra. A mulher estava semi-despida e ao perceber o “homem-branco” fugiu escondendo-se no mato. A área (sic) foi localizada numa fuma e dominada por três homens.

Com a presença destes no município, partiu-se então a caçada por investigar estes povos estranhos que estavam nas serras.

O fazendeiro tratou então de conduzir a “índia” para a sede da comuna levando-se até a casa do prefeito Manuel Rodrigues (Manuel de Júlio), atraindo a curiosidade de todos os habitantes da cidade. A mulher de pele escura estava vestida apenas com uma pequena tanga tecida com fibra de caroá. Fala uma língua que ninguém entendeu nada, no entanto durante três dias que ela permaneceu no meio dos civilizados dava sempre a entender que queria voltar para junto dos companheiros. Pensando em possíveis filhos daquela estranha mulher, o prefeito Manuel Rodrigues resolveu mandá-la de volta e assim chegar aos outros “índios”. Organizou uma caravana, traçou um plano e mandou soltar a mulher novamente no mato. Um caçador prontificou-se em seguir os

passos da “índia” e chegar até o local onde estariam os outros, no entanto, logo teve que mudar de planos pois logo foi descoberto por um “índio” que o fez voltar correndo contando o que vira para os companheiros que o seguiam a distância. O prefeito então tomou a deliberação de reclamar a ação da Funai (Fundação nacional de assistência do Índio), no seu município. Agora aguarda o pronunciamento dos dirigentes daquele organismo do governo enquanto surgem caçadores querendo vasculhar toda “Serra das Flexas” para desalojar os “caboclos”. O chefe da edilidade solicitou no entanto a suspensão de qualquer iniciativa, antes da chegada dos técnicos da Funai. No local onde a mulher foi encontrada “Joça de Jerina” pode observar vestígios da passagem de outros seres humanos. Na furna que servia de moradia foram localizadas vasilhas de madeira feitas com o auxílio do fogo que também é usado ao que tudo indica pelos caboclos para fazer figueiras para a iluminação. Algumas caças recém abatidas foram encontradas e espigas de milho em roçados de agricultores localizados nas proximidades da serra foram abandonadas pelos índios ante a aproximação dos “brancos”. Várias inscrições foram também descobertas, no entanto estas são completamente indecifráveis. A existência destes selvagens em Pedra Lavrada é um fato verdadeiramente estranho, no entanto verdadeiro. Diversas pessoas naturais de Pedra Lavrada radicadas aqui em Campina Grande atestam a veracidade do fato, principalmente o radialista Francisco Rodrigues, pois foi ele quem nos transmitiu as informações (RODRIGUES, 1974. Diário da Borborema).

Ao encontrar e capturar a então índia, os populares então deduziram a presença de indígenas naquelas localidades e a partir disso começou uma investigação para encontrar os demais que estavam por ali. Em relação à índia encontrada nessas terras ouve se muito falar sobre a sua presença em sítios próximos ao município como também na cidade.

Fig 3 - Fotografia da Índia capturada na serra das Flechas em Pedra Lavrada-PB



Fonte: galeria de Arizardo de Lima (2020,

A indígena capturada foi nomeada como Aparecida, que mais tarde foi capturada novamente e começou a ter convivência com os habitantes da zona Urbana, só que não durou por muito tempo, pois logo ela fugiu, onde passou a se abrigar dentro da fazenda Maxinaré dentro do município lavradense onde caminhou até a cidade de Parelhas muito fragilizada e tempos depois, no ano de 1981 veio a falecer na maternidade da cidade. Pesquisadores e estudiosos, como o professor Vanderley de Brito, procurou desmistificar a presença desta figura feminina nas redondezas do município, o que levou à conclusão mais provável de que a Indígena chamada de Aparecida seria uma remanescente Tarairiú.

Portanto, a partir destes pontos ocorridos desde sua constituição vemos que a cidade de Pedra Lavrada ao longo de seu município é possuidor de histórias pouco conhecidas pela sua população. Atualmente a cidade de Pedra Lavrada-PB possui um vasto valor arqueológico dentro de sua cultura e construção de sua memória e identidade, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresenta a População estimada de 7.954 pessoas(2021), Densidade demográfica 21,26 hab/km² (2010), Escolarização 6 a 14 anos 98,8% (2010).

Fig. 4- Praça Municipal de Pedra Lavrada-PB Eugênio de Vasconcelos



Fonte: <https://www.consolidesuamarca.com.br/registro-de-marcas-pedra-lavrada-pb>

Fig. 5- Foto da Cidade

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/egbertoaraujo/4409273746/>

3.2 A Pedra de retumba: patrimônio histórico para a memória local

Fig. 6- A Pedra de Retumba em sua totalidade

Fonte: Juvandi de Souza Santos

A pedra de Retumba (Pedra lavrada) está localizada nas proximidades da zona Urbana, precisamente a 700 metros e fazendo parte do complexo arqueológico Cantagalo. A Pedra de Retumba faz parte de nossa história como patrimônio cultural e assim tratado como um bem tangível, pois a mesma pode ser apreciada por toda a comunidade Lavradense.

Deve-se reconhecer, em primeiro lugar, que como patrimônios da humanidade, os sítios de pintura e gravuras rupestres são monumento de valor incontestável e que, enquanto obras de natureza singular, resultantes da atividade humana e, portanto, da experiência, do cotidiano, da densidade e das crenças dos homens (SANTOS,2006,p.89)

Muitos sítios arqueológicos são caracterizados pela presença de formações rochosas em

seus paredões. Formações estas que foram usadas por povos primitivos para se comunicar e se expressar através de desenhos, ao qual a ciência denominou como arte rupestre que foram denominadas em dois grupos. O primeiro grupo é constituído por pedras e abrangem a tradição nordeste com cerca de seis a dez mil anos, que traz figuras isoladas, carimbos de mãos e o segundo grupo traz a tradição geométrica com representações em formas geométricas.

As pinturas da região da paróquia pertencem, no geral, à tradição Nordeste, sub-tradição Seridó. Segundo o professor Vanderley de Brito a expressão “pedra lavrada” foi utilizada no contexto de inscrições rupestres, sendo utilizada pela primeira vez no ano de 1641 pelo Holandês Elias Herckmans, à época, governador da província da Parahyba do Norte. Ao qual se tornou um termo técnico para identificar inscrições esculpidas em rochas (RIETVELD, 2010). O professor Vanderley de Brito, em um de seus trabalhos que estuda sobre este tipo de inscrições em rochas, descreve que na Paraíba há vinte e sete sítios denominados itacoatiaras, dos quais dois destes sítios estão na região de Pedra Lavrada, mais precisamente no Sítio Cantagalo que seria a Pedra de Retumba e a segunda localizada se encontra no sítio Retiro.

Muitos pesquisadores visitaram estas terras, a fim de estudarem a respeito da pedra para encontrar respostas sobre os primeiros seres humanos naquela região. O primeiro pesquisador e estudioso que a história registra, segundo o professor Vanderley de Brito, seria o médico francês Louis Jacques Brunet, contratado pelo presidente da província da Parahyba do Norte para pesquisar as potencialidades desta região.

No ano de 1858 visitou as cidades de Cubati e Pedra Lavrada e comentou sobre a tal pedra, que era a melhor que já vira e alertou para se tomarem medidas para sua preservação. Em 1886, o engenheiro de minas Francisco Soares da Silva Retumba, que neste período viajava ao interior da Parahyba em missões governamentais, dirigiu-se ao presidente da província um relatório onde mencionará a existência de uma pedra com inscrições gravadas ao longo de seu segmento, localizada no povoado de pedra Lavrada, que nesta época pertencia a Picuí, Parahyba do Norte, na qual copiou inteiramente em forma de desenho e enviou junto ao relatório:

Como já disse, me pareceram em começo insignificantes os letreiros de que se trata; mas à medida que adiantava minha viagem, o interesse se me foi despertado. Notei bem depressa uma certa semelhança entre os caracteres de diferentes inscrições, algumas das quaes achavam-se a grandes distâncias umas das outras; reparei que em um só letreiro muitíssimas vezes encontrava-se o mesmo signal repetido, várias letras se me gravaram por tal forma na memória que sem demora as reconhecia em qualquer parte; por fim fui obrigado a convencer-me de que os índios possuíam uma escripta. Mais subio de ponto essa minha convicção quando posteriormente encontrei os mesmíssimo caracteres, já não são pintados, porém gravados, clara e perfeitamente gravados na rocha viva. Já não pairava mais dúvida nenhuma

em meu espírito: a evidência patenteava-se. Ao chegar em Pedra Lavrada tive o insigne prazer de travar relações com o ilustrado professor Lordão, em casa de quem hospedei-me. O primeiro cuidado do digno professor foi mostrar-me uma grande pedra contendo um letreiro de proporções vastas: motivo esse pelo qual a chama o povo Pedra Lavrada. D'ahi o nome do povoado. Se me tendo comunicado haver o doutor Ladisláo Netto, em nome do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Rio de Janeiro, bem como o doutor Cícero Odon Peregrino da Silva, em nome do Instituto Histórico e Archeologico Pernambucano, installado em várias cartas para que se lhes enviasse um fac-símile da referida inscrição, resolvi copia-la integralmente e a encontrará appensa ao presente officio. O referido professor Lordão, a quem fora feito o pedido do doutor Cícero, encarregou-se de enviar ao Instituto de Pernambuco uma segunda copia em tudo idêntica à que remetto a vossa excelência (RETUMBA, 1910, p. 173-174)

Através da visita de Francisco Soares da Silva Retumba e sua inscrição sobre o monumento arqueológico, a Pedra de Pedra Lavrada foi batizada com um novo nome: Pedra de Retumba. Além destes dois visitantes, houve também por terras lavrenses a presença do Austriaco Ludwig Schwennhagen, onde esteve no sítio arqueológico pedra de retumba no fim da década de 20 (RIETVELD, 2010). “Um dos mais importantes pesquisadores que visitaram Pedra Lavrada e sua pedra foi José de Azevedo Dantas, que processava suas pesquisas na região do Seridó da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Este visitou a cidade de Pedra Lavrada por duas vezes: em 1924 visitou o Sítio Retiro, onde copiou as pinturas rupestres em baixo relevo” (RIETVELD, 2010, p.43). No ano de 1927, dias 13 e 14 de julho, visitou os dois sítios no Riacho Gado Bravo, Serra das Flechas, sítio Serra Branca e Serrote do Sino, nas proximidades de Santo Antônio (atual Seridó), que respectivamente copiou os registros rupestres existentes. A partir destes pioneiros, os estudos acerca da Pedra de retumba e demais inscrições vêm sendo estudadas.

A identificação da localização exata da Pedra de Retumba foi se tornando complicada com o passar dos anos, pois ela foi sendo soterrada pela areia encontrada debaixo do riacho e por chuvas que acabaram por influenciar tal ação, por causa de que a localização exata da pedra se encontra às margens do antigo Riacho Gado Bravo, conhecido atualmente como Cantagalo, que corre ao poente da cidade.

O monumento insere-se dentro da área denominada de Sítio arqueológico, a qual o historiador Vanderley de Brito define: “Determinada área onde se encontram vestígios da cultura material dos povos passados. Estes vestígios podem estar sobre a superfície do solo ou enterrados” (BRITO, 2006, p.15).

A partir do trabalho feito pela equipe do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Estadual da Paraíba (LABAP-UEPB), coordenado pelo então Professor Dr.

Juvandi de Souza Santos, que conseguiu, a partir de um trabalho de salvamento, encontrar a localização exata, confirmando que o devido monumento originou então a nomeação do Município de Pedra Lavrada, sendo dentre os 5.570 municípios brasileiros, apenas esse ser chamado de Pedra Lavrada.

Tal fato se tornou um motivo de orgulho para sua população. Com o objetivo de desenvolver e resgatar os patrimônios aqui já citados que estão a perder-se por meios naturais e falta de políticas públicas e interesse dos dirigentes locais para tal preservação, bem como a falta de educação patrimonial para conscientizar a todos sobre esse rico e número de acontecimentos que contribuiu para a consolidação de um povo. A fim de preservar em nosso município existe uma Lei Orgânica Municipal para a educação patrimonial:

Os currículos escolares serão adequados às peculiaridades do Município e valorizarão sua cultura e seu patrimônio histórico, artístico, cultural e ambiental [...] O Município, no exercício de sua competência: protegerá, por todos os meios ao seu alcance, obras, objetos, documentos e imóveis de valor histórico, artístico, cultural e paisagístico (PEDRA LAVRADA - LEI ORGÂNICA MUNICIPAL, 1959, p. 45)

A lei não vem sendo imposta, já que se estivesse sendo colocada em vigor toda história estaria sendo preservada e difundida, sobretudo, no âmbito escolar local municipal, já que não há, atualmente, nenhuma disciplina ou projeto escolar seja dentro das escolas municipais ou da rede estadual presente no município que incentive a educação patrimonial e que permita aos alunos conhecerem a história de seu povo e que deu origem ao nome de sua cidade.

4 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA EDUCAR NO ENSINO MÉDIO POR MEIO DA APLICAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Nesta seção, nosso enfoque se centra na discussão da educação patrimonial como abordagem metodológica e sua inclusão no ensino da cidade de Pedra Lavrada-PB, com proposta de intervenção escolar em forma de Sequência didática, partindo do que foi apresentado sobre a história da Pedra de Retumba como principal argumento nas aulas de ensino médio na escola pública, como patrimônio histórico e de memória do saber local.

Nosso intuito é apresentar uma proposta interdisciplinar para escola visando trazer à tona preservação da Pedra da Retumba, a partir da sala de aula, mostrando sua importância para o conhecimento da história local, assim como a memória de Pedra Lavrada, sempre pensando na importância da compreensão do processo de construção do conhecimento sobre a valorização da cultura local e sabendo que para que isso aconteça é essencial a inserção de práticas pedagógicas adequadas.

Uma educação que desperte o aluno do ensino médio a conhecer e reconhecer o lugar onde vive, onde estabelece suas relações sociais, históricas e culturais, despertando um sentimento de pertencimento e valorização de suas memórias e historicidade, por isso, torna-se importante uma nova revisão metodológica que de forma interdisciplinar proporcione uma aprendizagem efetiva e significativa da história local.

A interdisciplinaridade torna-se um importante viés para se dialogar, com diferentes campos do saber, a partir da sala de aula, proporcionando assim uma ligação entre diversas áreas do conhecimento, oportunizando o aprendizado mais concreto e significativo e desenvolvendo o saber crítico e reflexivo. O movimento interdisciplinar surgiu na Europa, mais especificamente na França e na Itália em meados da década de 1960, época em que surgiam movimentos estudantis que colocavam em discussão a necessidade de um

novo Estatuto para a universidade e para a escola (FAZENDA, 1994, p. 18). Frisavam superar o pensamento positivista da superespecialização e a interdisciplinaridade superaria o que ficou conhecido como crise da modernidade.

Ao chegar no Brasil, o conceito de interdisciplinaridade anunciava a necessidade de construção de um novo paradigma da ciência e seu conhecimento, já que interferia na organização escolar e seu currículo. As discussões sobre interdisciplinaridade no Brasil se intensificaram a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº9394), de 1996 e com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1998, que incentivou discussões e práticas de professores nos diversos níveis de ensino.

Apesar disso, a interdisciplinaridade em termos de teoria e prática consciente, é pouco conhecida, justamente pela prática ocorrer de forma mecânica. Muitos professores ainda são avessos à interdisciplinaridade por falta de suporte e materiais. Para a aplicação de um projeto interdisciplinar é necessário um coordenador competente que apresente um projeto coerente e claro. “Ser interdisciplinar não permite atitudes de incoerência que se caracterizam pelo aniquilamento de alguns dos atributos da interdisciplinaridade [...]” (FAZENDA, 2001, p. 37).

Propostas interdisciplinares não são apenas frutos das pesquisas sobre o ensino, elas estão presentes na legislação educacional brasileira, algumas vezes de maneira explícita; em outras, aparecem sutilmente como consequência das necessárias mudanças no ensino escolar, portanto propor uma atividade interdisciplinar não basta apenas chegar e aplicar, deve seguir normas impostas pela educação por exemplo, nos PCN a interdisciplinaridade aparece como um princípio de articulação entre conteúdos e atividades. Dentro do ensino de História:

As diversas dimensões de tempo só são compreendidas em todas suas complexidades pelo acesso dos alunos a conhecimentos adquiridos ao longo de uma variedade de estudos interdisciplinares durante sua escolaridade. Nesse sentido, não deve existir uma preocupação especial do professor em ensinar, formalmente, uma dimensão ou outra, mas trabalhar atividades didáticas diversificadas, de preferência em conjunto com outras áreas. (BRASIL, 1998, p. 97)

O ensino de História, de acordo com os PCN, deve ter seus conteúdos organizados a partir de eixos temáticos, procedimento que requer o desenvolvimento de práticas interdisciplinares. Diante disso, percebemos que o aluno pode passar a se ver como um sujeito histórico situado em uma determinada sociedade a qual ele pode estudar e na qual ele pode interferir. Ao se ver como sujeito histórico, em sala de aula, o aluno pode ser levado pelo professor a relacionar o conteúdo histórico com outros acontecimentos, para que assim melhore suas condições de interferir na realidade.

No ensino da História, por exemplo, é possível trabalhar conteúdos que abrangem Geografia, Biologia e muitos outros que podem contribuir para o entendimento acerca da Pedra de Retumba que por meio da geografia, pode nos trazer a representação geográfica de onde a mesma se situa, formação do solo; a Biologia pode nos trazer as plantas que estão presentes, como os agentes biológicos que fazem com que até os dias atuais os desenhos e gravuras feitos a muito tempo atrás se encontrem em perfeito estado de conservação e para tudo isso a presença da História como mediadora de toda a proposta de se trabalhar a historicidade da determinada pedra como um monumento histórico pertencente a uma identidade, um povo. Portanto, na área do conhecimento referente à História estão inseridos os mais variados aspectos que devem ser

explorados.

Corroborando com essa justificativa, o tema tem como objetivo fomentar métodos interdisciplinares, considerando a história local como um objeto de estudo no ensino em todos os anos escolares, trazendo os campos já citados para que, o aluno motivado com propostas metodológicas interdisciplinares, adquira um conhecimento de forma dinâmica, mais eficaz e prazerosa, refletindo sobre o lugar em que vive, valorizando suas raízes e assumindo um sentimento de pertencimento a essa localidade. O ensino de história irá estar diretamente relacionado com a construção da cidadania, ao conhecimento do outro como um ser histórico permitindo-o compreender o entrelaçamento social, a cultura, a construção moral e a realidade em que cada ser humano está inserido.

Sendo o professor o principal intermediador deste processo dentro da educação. Recentemente, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (2013, p. 34) destacam ainda mais a importância da interdisciplinaridade na prática docente, prescrevendo para esse fim a pedagogia de projeto na escola, nos quais devem participar docentes de diferentes áreas, com vistas ao “desenvolvimento não apenas de conhecimentos, mas também de habilidades, valores e práticas”.

Dentro do ensino da história do Brasil, por exemplo, o professor pode trazer a abordagem acerca da formação da nação brasileira trazendo o conteúdo da história local de sua cidade, estado e região, pois isso faz parte do contexto de história do Brasil, como também ligar este assunto a geografia, já que tal interligação contribuirá para o entendimento das formações geológicas etc, deste país. O estudo da história local não só deve como tem que ser abordado dentro deste contexto, pois implica na construção da identidade de um povo, levando em consideração a brasilidade deste povo. Estudar a história local não é somente conhecer a história de sua cidade, mas também de sua própria origem, como a história que circunda a cidade de Pedra Lavrada-PB.

Entendemos que reconhecer o papel da história local, incluindo esses conteúdos no currículo da disciplina História permitiria ao aluno entender melhor o espaço em que vive e a valorizá-lo, além do que contribui para desenvolver um sentimento de pertencimento na medida em que é um conteúdo que possibilita um reconhecimento in loco da cultura, das linguagens, dos espaços sociais, político e econômico, dos locais de memória a partir de atividades investigativas em que o discente perceba historicidade na sua realidade cotidiana.

A partir dessa carência em relação à falta da abordagem da educação patrimonial, nossa proposta aqui tem por objetivo trazer atividades que possam estimular todo o corpo docente, assim como toda a escola, a trazer a educação patrimonial acerca de sua cidade para os alunos.

A proposta surgiu a partir do contexto da ausência de discussões e práticas acerca da valorização e preservação do patrimônio cultural do município de Pedra Lavrada nas escolas. O principal objetivo deste trabalho é propor, por meio de uma Sequência Didática, o estudo da história local, enfatizando a Pedra de Retumba como patrimônio histórico, memorial de um povo.

Ao trabalhar com temas do cotidiano, buscou-se proporcionar aos alunos diversas possibilidades na construção do aprendizado, repensando posturas e atitudes em relação ao ambiente escolar e ao patrimônio cultural. Uma das problemáticas como falamos acima é a falta de materiais, mas também pelo seu comodismo e tornam-se reféns do material didático disponível pela escola.

Outra proposta seria por parte da secretária de Educação do município, em parceria com a articulação com a Secretária de Cultura, promover a visitação destes locais que são vistos como patrimônio cultural, onde seria explicado o valor de sua existência naquela localidade, assim como a realização de entrevistas com pessoas mais antigas que lembram momentos vividos acerca da pedra de retumba a qual dá o nome desta cidade de Pedra Lavrada e nas demais localidades que representam alguma história para a cidade, assim como o envolvimento de outras áreas como a Geografia, Biologia para estudarem a formação geológica, com expedições, principalmente a famosa Pedra Lavrada, estudar sua formação rochosa, tipo de solo na qual se encontra e assim estudar junto a história as artes rupestres encontradas na mesma, assim como a parte do solo e a fauna e flora onde foram encontrados fósseis de mastodonte que passaram por estas terras em períodos isolados onde a megafauna se encontrava predominante e seus animais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desta monografia percebi quanto a memória e o patrimônio são significativos para a construção de uma identidade, de uma sociedade e dentro deste aspecto trazendo a importância de se estudar a história local e conhecer os antepassados de um povo que levaram a ser o que é hoje. Trabalhar com o ensino da História Local dentro do âmbito educacional é mostrar as diversas possibilidades de se trabalhar a história de um povo, principalmente do povo Lavradense, pois, vimos e discutimos ao longo desta monografia, que os alunos e pessoas mais jovens não compreendem a importância de seu lugar e de seu patrimônio como habitante e pertencente a esta cidade, vejo que o pouco interesse da população ao saber a história de seu município e a falta de incentivo dentro da escola, do espaço das aulas de história a carência do aluno a explorar e conhecer seus antepassados históricos.

Neste trabalho, buscamos, inicialmente, trazer a discussão entorno da memória e do patrimônio como agentes formadores de uma sociedade e dentro deste âmbito a abordagem da educação patrimonial e sua importância e carência dentro da sala de aula e no ensino de História, pois é de extrema importância para a preservação do patrimônio cultural e dentro desta perspectiva abordamos a Pedra de Retumba da cidade de Pedra Lavrada-PB como monumento patrimonial para esta população e a sua falta dentro do ensino de história do município.

A partir desta carência trouxemos como proposta interdisciplinar de trabalhar o ensino da história local nas aulas de história, a produção de uma sequência pedagógica, que chegamos a este meio por conta da falta de um plano metodológico que aborda a história da cidade e da Pedra de Retumba, que visa trabalhar a história lavradense e de seu patrimônio cultural arqueológico, a Pedra de Retumba e, posteriormente, ser utilizada dentro não somente das aulas de História, mas em outras áreas da educação, principalmente no ensino médio de se mostrar a importância de sua preservação e seu estudo dentro do ensino de história para que não somente este trabalho como outros possam ampliar a construção do ensino da história local nas escolas visando o conhecimento dos nossos jovens acerca de seu município e torná-los como parte integralizadora no processo da história de sua cidade, do seu estado e de seu país e que possam a partir da sequência didática e de demais trabalhos compreender não só a importância mas preservá-la.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Vilma de Lurdes. **Ensino de história local: redescobrimos os sentidos.** Revista de História (15); João Pessoa, jul./dez. 2006.
- CAMPOS, Juliano Bitencourt. PREVE, Daniel Ribeiro. SOUZA, Ismael Francisco. **Patrimônio Cultural, Direito e Meio Ambiente: um debate sobre a globalização, cidadania e sustentabilidade.** Curitiba: Multideia, 2015.
- GOOF, Jacques Le. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- GONÇALVES, Janice. Lugares de memória, memórias concorrentes e leis memoriais. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.7, n.13, jul./dez. 2015, ISSN- 2177-4129.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Patrimônio e história: reflexões sobre o papel do historiador. **Diálogos (Maringá. Online)**, v. 18, n.2, p. 637-660, mai.-ago. 2014.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas.** Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.
- POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos.** V. 5, n.10, 1992, p. 200-212.
- POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro.v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- RIETVELD, Padre João Jorge. **História da Paróquia de Nossa Senhora da Luz de Pedra Lavrada: a devoção de José Bezerra da Costa.** Campina Grande: MaxGraf, 2010.
- SANTOS, Juvandi de Souza. (Org.). **Resgatando a história da pedra de Retumba: das lendas e mitos às atividades arqueológicas contemporâneas.** Queimadas, PB: Cópias e Papéis, 2020.
- SUKOW, Nikita Mary. URBAN, Ana Claudia. **Concepções de história local nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997): uma análise ancorada na perspectiva da educação histórica.** Revista OLHARES, v. 8, n. 3, Guarulhos, dezembro de 2020.
- VIANA, José Italo Bezerra. **História Local.** Sobral/2016. Cap. 1 e 3.
- ZALLA, Jocelito. **Interdisciplinaridade e ensino de História: notas sobre a experiência do projeto Amora.** Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.2, jan/jun.2015.

APÊNDICE
SEQUÊNCIA DIDÁTICA

PERTENCIMENTO, PRESERVAÇÃO E HISTÓRIA LOCAL: O ENSINO DA PEDRA DE
RETUMBA NAS SALAS DE AULA



APRESENTAÇÃO

A presente sequência didática (SD) é o produto educacional de Conclusão de Curso apresentada como uma proposta didática para o ensino da história local da cidade de Pedra Lavrada-PB. Para uma efetiva inserção da história local nos espaços formais e não formais, é preciso ocorrer, na sociedade, uma mudança na concepção de ensino. Ela é destinada a docentes e se propõe a contribuir para o desenvolvimento da da história local na sala de aula com a finalidade de fortalecer a sensibilização, valorizar as relações entre o aluno e sua cidade, o meio em que vive. A SD está organizada em quatro encontros que contemplam a aplicação de aulas teóricas para se introduzir o assunto, investigação, entrevistas, visita de campo, confecção de vídeos de bolso e documentário e Cordéis.

Espera-se que este material didático possa inspirar professores no desenvolvimento de trabalhar a história local da cidade de Pedra Lavrada e da Pedra de Retumba.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, é dever dos sistemas e redes de ensino, como as escolas, abranger, em seus currículos e propostas pedagógicas, o desenvolvimento de temas contemporâneos, uma vez que fazem parte da realidade da vida humana em escala local, regional e global, de forma transversal e integradora, preferencialmente (BRASIL, 2018).

Segundo Araújo e Frigotto (2015), o currículo, na perspectiva de integração, tem os conteúdos organizados e selecionados de forma a promover comportamentos no ser humano que reconheçam a essência da sociedade e sua transformação. Logo, deve-se formar, no sujeito, diversas capacidades, tais como: “de trabalhar, de viver coletivamente e agir autonomamente sobre a realidade, contribuindo para a construção de uma sociabilidade de fraternidade e de justiça social” (ARAÚJO; FRIGOTTO, 2015, p. 68). Assim, a SD, como produto educacional para as turmas do Ensino Médio, visa contribuir para a relevância das aprendizagens históricas como potencial didático no espaço formal da sala de aula.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Para Zabala (2010, p.18), Sequência Didática (SD) é “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”. Ainda, em consonância com Zabala (2010), a SD deve contemplar as fases de planejamento, aplicação e avaliação dentro da sala de aula. Além da sequência de atividades, outros aspectos são importantes: as relações comunicacionais e de afetividade do professor com os alunos e entre os próprios alunos, que a organização social da aula seja individual ou em grupos, a distribuição do espaço e do tempo, a organização dos conteúdos, o uso de materiais curriculares e o procedimento avaliativo (ZABALA, 2010). Junte-se a isso, o embasamento dessa SD em duas pedagogias: a libertadora de Paulo Freire e a histórico-crítica de Saviani, importantes pensadores para o desenvolvimento da crítica.

Segundo Freire (1987), na prática problematizadora e dialógica, o conteúdo a partir de temas geradores se organiza e se estabelece na visão de mundo dos educandos. Portanto, é dever do educador dialógico é trabalhar em equipe interdisciplinar, o universo temático da investigação como problema Para Saviani (2005, p. 26), “a educação é entendida como mediação no seio da prática social global” de modo que a prática social permeia toda a prática educativa. A pedagogia crítica vincula a educação como processo de formação humana omnilateral com a perspectiva de ambiente no aspecto social, histórico e político resultando na concretude (COSTA; LOUREIRO, 2015).

Dessa forma, a SD implementada parte de uma concepção construtivista, uma vez que apresenta objetivos/conteúdos de aprendizagem factuais e conceituais, procedimentais e atitudinais (ZABALA, 2010) e competências a serem desenvolvidas no âmbito pessoal, interpessoal, social e profissional, como preconizam Zabala e Arnau (2015).

ENCONTRO 1: ATIVIDADE COLETIVA NA SALA DE AULA

Identificação do conhecimento prévio dos estudantes Sobre o que é Memória e Patrimônio.

Público-alvo: Estudantes do Ensino Médio da ECI Graciliano Fontini Lordão.

Disciplina: História.

Tempo estimado: 45 minutos

Objetivo: Reconhecer e mostrar aos alunos o seu entendimento sobre a Memória e o Patrimônio Cultural.

Competência: Contribuir para o Conhecimento do aluno.

Desenvolvimento: Apresentar através da SD a importância e o significado de memória e Patrimônio dentro do contexto histórico e mostrar como ela será desenvolvida na turma; Explicar o objetivo de trabalhar esse tema e sua importância dentro da educação como estratégia de levantamento do conhecimento prévio dos estudantes, dividido nos seguintes tópicos: O que é Memória e patrimônio para os alunos? discutir a partir de suas falas e contextualizar patrimônio para a história local.

ENCONTRO 2- PATRIMÔNIO PARA A HISTÓRIA LOCAL

Público-alvo: Estudantes do Ensino Médio

Disciplina: História

Tempo estimado: 2 aulas de 50 minutos cada

Materiais utilizados: Fotos, albuns, vídeos

Objetivos: Mostrar a partir de fotos e imagens a construção da cidade de Pedra Lavrada e identificar através daquelas imagens a ideia de memória e incentivo a pesquisa oral com os habitantes mais velhos sobre a imagem de Pedra Lavrada nos primeiros anos de sua fundação e atualmente trazendo as principais memórias.

Competências: Contribuir para a transformação do aprimoramento e identidade do aluno.

Desenvolvimento: na primeira aula a partir dessas imagens e o que foi discutido em sala, elaborar a oficina de pesquisa sobre as principais memórias afetivas da população da cidade. O espaço para realização dessa atividade deve conter material multimídia (gravadores) e fonte oral a partir da formação de grupos.

ENCONTRO 3- DISCUSSÃO DA INVESTIGAÇÃO

Público-Alvo: Alunos do Ensino Médio.

Disciplina: História

Tempo estimado: 4 aulas de 50 minutos cada.

Objetivos: A partir das entrevistas feitas por alunos mostrar a importância da memória para uma população e como a memória vai implicar na construção do patrimônio histórico e sua importância dentro da formação de uma sociedade.

Competências: Contribuir para a transformação do aprimoramento e identidade do aluno como agente histórico de sua cidade.

Durante as duas primeiras aulas será abordado através de pesquisa na cidade e nas mídias digitais, como em livros será discutido a importância de se estudar sobre a memória e o patrimônio cultural e o aluno como agente histórico. Nas duas últimas aulas restantes será introduzido o "Conteúdo sobre a pedra de retumba", trazendo artigos escritos, livros e folders sobre e a proposta para visita à Pedra.

ENCONTRO 4- VISITAÇÃO A PEDRA

Público-alvo: Alunos do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio.

Disciplina: História, Geografia e Biologia e Sociologia

Tempo estimado: Aulas do turno da Manhã

Objetivos: Juntamente com as demais áreas, promover o conhecimento da Pedra de retumba, mostrando as inscrições rupestres e o seu contexto histórico, juntamente com a geografia para explicar o exemplo de terreno que em que se está localizada e as condições para que esteja preservada até dias atuais, a biologia para se possa explicar as plantas que cercam aquele lugar como os componentes que foram utilizados para fazer as pinturas rupestres que encontramos até hoje em rochas e a sociologia para trazer o contexto social ao qual aquele possível grupo estava envolvido.

Competências: Desenvolvimento histórico, cultural, social e educacional

Durante a visita será explicado a importância para a História da Pedra de Retumba, como também a sua importância para a história local e visita aos demais monumentos que se inserem no complexo arqueológico do município.

ENCONTRO 5- RESULTADOS DAS AULAS

Público-alvo: Todos os estudantes da escola

Disciplina: História, Geografia e Biologia

Tempo estimado: 4 aulas

Objetivos: Juntamente com as aulas e entendimento dos alunos sobre a visitação dos alunos ao complexo arqueológico e a Pedra de Retumba será tratado as possibilidades de trabalhar esta questão com os alunos para uma possível culminância dentro da escola. Será proposto atividades feitas por alunos com a orientação dos professores para produção de Cordéis envolvendo a história da cidade, a Pedra de Retumba, produção de vídeos em aplicativos e elaboração de paródias com o objetivo de transpassar o conhecimento da Pedra e da cidade para toda a comunidade escolar e habitantes da cidade.

Competências: Contribuir para a transformação do aprimoramento e identidade do aluno como agente histórico de sua cidade.